

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

RIAN PAULO FERREIRA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NA PROMOÇÃO DE SI: UMA ANÁLISE  
DE DISCURSO DO APLICATIVO DE RELACIONAMENTO GRINDR**

MACEIÓ – AL

2021

RIAN PAULO FERREIRA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NA PROMOÇÃO DE SI: UMA ANÁLISE  
DE DISCURSO DO APLICATIVO DE RELACIONAMENTO GRINDR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Jornalismo, do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

Orientação: Profa. Dra. Priscila Muniz de Medeiros.

MACEIÓ – AL

2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)**  
**Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA)**  
**Curso de Jornalismo**

**ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

TCC para obtenção do grau de Bacharel em ( X ) Jornalismo (    ) Relações  
Públicas

Aos 22 dias do mês de janeiro do ano de 2021, das 14h às 16h, realizou-se no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas/Ufal, a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de curso (TCC), intitulado "A Construção do Ethos na Promoção de Si: Uma Análise de Discurso do Aplicativo de Relacionamento Grindr", do graduando Rian Paulo Ferreira Silva, matrícula 14112581, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas/Ufal, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel. A banca foi composta por Ronaldo Bispo dos Santos (1º examinador), Renato Contente Freire de Menezes (2º examinador) e Priscila Muniz de Medeiros (orientadora). Após exposição oral sintetizando o TCC, o graduando foi arguido pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular e o TCC foi considerado:

( X ) Aprovado, atribuindo-lhe a nota 10,0 (Dez)

(    ) Reprovado

(    ) Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão de seu trabalho em prazo não superior a \_\_\_\_\_ dias úteis.

Subscrevemo-nos

**Priscila Muniz de Medeiros (orientador)**

**Ronaldo Bispo dos Santos (1ºexaminador)**

**Renato Contente Freire de Menezes (2º examinador)**

Dedico este trabalho à minha família, em especial, aos meus pais e irmã, a quem devo tudo; e a todos aqueles que lutam e se expressam com a coragem de serem quem são e erguem a voz por causas que fazem do mundo um lugar melhor.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus pais, Maria Gorete e Messias Júnior, à minha irmã, Rayna, por todo carinho, paciência, suporte, incentivo e amor incondicional; bem como os demais familiares por me apoiarem nessa trajetória.

Aos meus amigos da vida, bairro e do CDB, que fomentaram junto comigo o anseio por galgar novos espaços, crescer profissionalmente, intelectualmente e evoluir enquanto ser humano. Em especial, agradeço ao meu companheiro e par, Diogo, pelo carinho, cuidado e por me apoiar sempre.

Muita gratidão pelo meu 'Bonde Imprensa' por todos os momentos sentados à mesa, bebendo uma coca gelada na lanchonete do COS, em especial à minha querida, Lívia Enders, por toda ajuda e cumplicidade;

A todos os especialistas, mestres e doutores que serviram de inspiração e que de alguma forma contribuíram para a formação de pensamento e conhecimento na minha jornada enquanto discente da Universidade Federal de Alagoas. Agradeço às professoras, doutoras, Lídia Ramires, Janayna Ávila e Magnolia dos Santos por compartilharem comigo tanto conhecimento e por dedicarem a vida na formação de pessoas em busca de luz, seja nos projetos, monitorias, elaboração de artigos ou congressos, e pessoas queridas que quero levar para vida toda.

Agradeço à minha equipe da Editora Systemic Bilingual nas pessoas de Luiz Henrique, Raphael, Christiane, Kalinka, Renata, Anderson, Diego, Daniel, Roberta, Michael e Helio – e também à Daniela - por serem pessoas inspiradoras e grandes companheiros de jornada. Em especial, quero agradecer à minha querida amiga Keyla, que teve papel fundamental durante o processo de elaboração deste trabalho.

Por fim, agradeço em especial à minha orientadora, Priscila Muniz, por toda dedicação, paciência, sabedoria e incentivo, sendo também a responsável por tornar esse Trabalho de Conclusão de Curso possível; e a todos aqueles que de alguma forma se dispuseram e contribuíram na minha jornada enquanto ser humano e profissional.

*“Eu acho que é um ótimo jeito para viver, para lutar por você mesmo, para lutar pelos seus amigos, para lutar pela comunidade de indivíduos que estão compartilhando suas experiências e para lutar por dignidade e uma vida melhor, e lá estará o ponto de inflexão. Haverá vitórias e elas serão felizes”.*

(PETER STALEY, 2014)

## RESUMO

Após o surgimento do sistema de geolocalização, novas formas de interação foram criadas para *smartphones* com o intuito de aproximar ainda mais as pessoas. As novas tecnologias abriram portas para um universo digital onde o *off-line* e *on-line* se misturam. Apesar da inovação e velocidade com que a comunicação descarrega uma informação, essa integração carrega discursos reproduzidos. Faz-se importante estudar de maneira detalhada o comportamento e uso da comunicação na formação discursiva das narrativas reproduzidas nos aplicativos digitais que visam sociabilidade e paquera como propósito. Este trabalho visa compreender de que forma a interação dos usuários do aplicativo de relacionamento Grindr ocorre, e por meio de quais formações discursivas constroem uma imagem de si (*ethos*). Para isso, foi realizada uma pesquisa quanti-qualitativa que tem como aporte teórico-metodológico a análise do discurso – de linha francesa – e como objeto os perfis presentes na cidade de Maceió, Brasil. Diante do exposto, a proposta é testar a hipótese de que, dentro do aplicativo, discursos hegemônicos ainda sustentam estereótipos opressores ligados à virilidade e são hipervalorizados como tática na busca do parceiro ideal dos aplicativos de paquera.

Palavras-chave: Análise do discurso; Ethos; Grindr; Sexualidade; Virilidade.

## **ABSTRACT**

After the emergence of the geolocation system, new forms of interaction were created for smartphones in order to bring people even closer. The new technologies have opened doors to a digital universe where the off-line and on-line mix. Despite the innovation and speed which communication shares information, this interaction carries reproduced discourses. Therefore, it's important to study in detail the behavior and use of communication in the discursive formation of the narratives reproduced in digital applications that deal with sociability and flirting as a purpose. This work seeks to understand how the interaction of the users of the Grindr relationship app occurs, and which discursive formations build an image of themselves (ethos). For that, a quanti-qualitative research was carried out and has as a theoretical and methodological contribution the discourse analysis - of French line - and as an object the profiles present in the city of Maceio, Brazil. Thus, the proposal is to test the hypothesis that in the Grindr app, hegemonic discourses still support oppressive stereotypes linked to virility and heteronormativity overrated as a tactic in the search for the ideal partner.

Keywords: Discourse analysis; Ethos; Grindr; Sexuality; Virility.



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária e etnia dos usuários do Grindr em Maceió.....	44
Gráfico 2 – “Em busca de” nos perfis do Grindr em Maceió.....	45
Gráfico 3 – “Tribos” no aplicativo Grindr em Maceió.....	45
Gráfico 4 – A autorrepresentação dos usuários nas imagens de perfil em Maceió..	46
Gráfico 5 – Sobre mim: a construção do ethos discursivo.....	52
Gráfico 6 – Presença de valorização do sigilo.....	57
Gráfico 7 – Presença de discursos de exaltação do masculino.....	58

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 CONSTITUIÇÃO DA INTERATIVIDADE SOCIAL NO MEIO CIBERNÉTICO</b>	
2.1 Processo de Digitalização da Comunicação.....	15
2.2 Relações Sociais e Mídias Digitais no Ciberespaço.....	20
<b>3 GRINDR.....</b>	<b>39</b>
<b>4 ANÁLISE DO DISCURSO – FORMAÇÃO DISCURSIVA E SENTIDO.....</b>	<b>30</b>
4.1 A Imagem de Si – Ethos em Maingueneau.....	32
<b>5 VIRILIDADE NO CONTEXTO HISTÓRICO.....</b>	<b>35</b>
5.1 Dilemas Contemporâneos do Desejo.....	37
<b>6 METODOLOGIA.....</b>	<b>41</b>
<b>7 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>44</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>69</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A questão da cidadania homossexual é um assunto complexo no Brasil. Por um lado, o movimento LGBTQIA+ tem se fortalecido nas últimas décadas e conquistado avanços importantes no que diz respeito aos direitos legais, representação midiática e aceitação social. Por outro lado, tais conquistas ainda estão longe de quebrar todos os fortes estigmas culturais que oprimem a comunidade LGBTQIA+ no país.

De acordo com o relatório da ONG Grupo Gay da Bahia (GGB, 2018), o Brasil é líder mundial em assassinatos ligados a motivações homofóbicas. Ainda de acordo com o relatório, a cada 20 horas, um membro da comunidade LGBTQIA+ era assassinado no país em 2017 por homofobia. Assim, a sociedade brasileira contemporânea apresenta um contraste importante: uma forte formação cultural homofóbica que enfrenta um movimento de resistência também muito importante.

Nesse cenário, o país viu o surgimento e a popularização da mídia geossocial de namoro que vem remodelando a forma como as pessoas se envolvem em interações românticas e sexuais. A tecnologia de geolocalização permite que as pessoas encontrem parceiros potenciais que estão espacialmente próximos a elas e com quem possam interagir por meio de mensagens de texto. Para a comunidade LGBTQIA+, tais plataformas trazem uma vantagem importante: filtram os usuários por orientação sexual, visando mais precisamente os parceiros potenciais. No Brasil, a mídia geossocial mais popular para gays é o Grindr.

O objetivo da pesquisa é investigar os aspectos discursivos da autorrepresentação e a exposição das expectativas em relação aos parceiros ideais apresentados nos perfis do Grindr geo localizados na cidade de Maceió, Nordeste do Brasil. É importante destacar que, se a homofobia ainda é muito presente no Brasil, é especialmente forte na região Nordeste, uma vez que a violência e a masculinidade são elementos-chave na identidade discursiva dos nordestinos (ALBUQUERQUE JR., 1999). Em 2017, segundo relatório do GGB, Alagoas era o segundo estado brasileiro mais violento no que diz respeito ao assassinato de homossexuais com motivação homofóbica, com 6,81 assassinatos para cada 1 milhão de habitantes.

Dessa forma, a compreensão sobre quais instrumentos são utilizados e como são utilizados em determinados discursos que disseminam preconceito e homofobia

são as hipóteses que se propõe neste trabalho. Acredita-se que nas interações sociais cibernéticas homoafetivas na busca por um parceiro ideal, os elementos que esbarram em aspectos culturais e sociais de cunho viril são perpetuados e utilizados como artifício para o êxito na hora da conquista. Muitos fatores podem ser levados em consideração, para este trabalho destacamos dois pontos centrais.

As hipóteses apresentadas são devido: 1) à formação cultural da região analisada, o anonimato e outras formas de proteção da identidade desempenham um papel fundamental na interação do Grindr em Maceió; e 2) quando disponíveis, as autodescrições e as descrições dos parceiros ideais carregam discursos moldados por uma formação discursiva que reforça uma representação estereotipada da masculinidade, baseada em valores como virilidade e força. Tal processo seria facilmente reconhecido pelo uso regular de um léxico que valoriza um *ethos* viril e despreza qualquer característica associada às representações sociais da feminilidade.

Nosso corpus de análise consiste nas informações disponíveis nos perfis do Grindr regularmente coletados durante as duas primeiras semanas de abril de 2018, na cidade de Maceió. Um Perfil do Grindr foi criado para coletar tais informações. É importante destacar que nenhuma interação com os usuários do Grindr foi realizada.

A pesquisa propõe uma abordagem quanti-qualitativa. Em uma primeira etapa, categorizamos todos os perfis com foco em dados objetivos como idade, tipo de corpo, etnia, status de relacionamento, o que procuram (se encontros, amizade, relacionamento), presença ou ausência de autodescrição, presença ou ausência de fotos, presença ou ausência de nome e o tipo de foto do perfil (se identifica ou não a pessoa, se mostra o rosto, parte do corpo, ambas ou nenhuma). A segunda etapa foi uma análise do discurso dos textos de apresentação disponíveis nos perfis. Analisamos também os discursos visuais presentes nas fotos de perfil, uma vez que, tanto quanto a linguagem, as imagens têm valor semântico.

Uma primeira dificuldade na quantificação de perfis anônimos foi a de como distingui-los (muitos perfis não possuem nenhuma informação, parecendo exatamente iguais). Para superar esse problema, atualizamos para a versão premium (Grindr XTRA) do aplicativo, a fim de poder selecionar perfis favoritos. Ao estrelar todos os perfis anônimos, pudemos identificar quais deles já haviam sido coletados e quais não. A maior disponibilidade de perfis visíveis na versão premium

também permitiu uma cobertura mais abrangente de todo o espaço geográfico da cidade de Maceió.

Nossa abordagem teórica e metodológica baseia-se na Análise do Discurso de uma perspectiva francesa, tendo como referência os estudos do discurso de Maingueneau (2014a; 2014b; 2013; 2008, 1999), Miskolci (2017) e Courtine (2013). Especificamente, operacionalizamos os conceitos de *ethos* discursivo e cenas de enunciação de Maingueneau (tipo de discurso, gênero discursivo e cenografia) em nossa análise. As teorizações recentes do discurso em mídia digital e os conceitos de cenografia digital (MAINGUENEAU, 2014) e elementos do tecnodiscurso atrelados aos estudos sociais (MISKOLCI, 2017) ajudam a delimitar aspectos significativos do Grindr como plataforma. O conceito de intericonicidade (COURTINE, 2013) também dará suporte à análise visual do discurso. Outros conceitos clássicos da Análise do Discurso francesa também serão utilizados na análise, como interdiscursividade, memória interdiscursiva e formação discursiva.

Segundo Michel Foucault (1972), os discursos são dispersões; uma vez que a priori não se conectam, não compõem uma figura única. A descrição desta dispersão permite discernir uma certa regularidade entre os seus elementos, “uma ordem no seu aparecimento sucessivo, correlações na sua simultaneidade, posições atribuíveis num espaço comum, um funcionamento recíproco, transformações articuladas e hierarquizadas” (p. 37). Segundo Foucault, a Formação Discursiva (FD) aparece sempre com a regularidade entre a dispersão discursiva. Com o conceito de FD, Foucault pretendia “designar conjuntos de enunciados que podem ser associados a um mesmo sistema de regras históricas determinadas” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2012, p.241).

Jean-Jacques Courtine (2011) afirma que a história viu o surgimento e as transformações de um modelo arcaico dominante que impôs um valor diferente para os sexos, garantindo uma hegemonia da potência viril, fundada em um ideal de força física, firmeza moral e potência sexual. Ele acrescenta que tais papéis morais e sistemas de representação que definem masculinidade e feminilidade só podem ser reproduzidos porque a hegemonia viril parece ser parte de uma ordem natural e inevitável, ao invés de uma inscrição cultural socialmente construída, como realmente é. Para o autor, porém, a virilidade entrou em uma zona de turbulência cultural, um período de mutação.

Historicamente, os discursos e representações de gênero enfrentaram mudanças importantes nos movimentos homossexuais e em toda a cultura gay, conforme descrito por Florence Tamage (2011). Segundo o autor, no final do século 19, os homossexuais eram definidos como contra tipos viris. Eles foram categorizados como um terceiro sexo ou como “almas femininas em corpos de homens”. Nesses casos, as perspectivas de alguns indivíduos sustentam uma imagem afeminada como forma de resistência e aderência ao mundo contraditório da comunidade LGBTQIA+, em contrapartida, outros sobrevivem à demanda da virilidade e afastam o estigma afeminado.

Por volta dos anos 30 do século 20, ocorreu uma mudança em algumas cenas gays ao redor do mundo, quando enfrentaram um processo de “virilização”. O período pós Segunda Guerra Mundial foi caracterizado por um conformismo moral que valorizava a “respeitabilidade” e a discrição e desprezava o estereótipo da “rainha” com o objetivo de alcançar uma melhor integração da comunidade homossexual.

A década de 70, com o movimento de contracultura, viu o alvorecer da contestação de estereótipos de gênero, quando os homens associavam barbas e vestidos, por exemplo. Mas, ainda de acordo com Tamage, alguns gays logo sentiram a necessidade de novas marcas de identidade que os separassem de um estereótipo pré-afeminado, assumindo um *ethos* decididamente viril.

Nosso aporte teórico também enfocará as mudanças de comunicação trazidas pelo processo de digitalização. A construção de autoimagens é uma tendência da cultura contemporânea, pois a internet passa a ser um meio generalizado de auto exposição onde as pessoas podem realizar suas identidades pessoais e coletivas (ALLARD, 2007). De acordo com o autor, as práticas de escrita, compartilhamento e postagem na Internet exemplificam o que pode ser chamado de uma virada expressivista da web. Essa auto exposição, amplamente encontrada na maioria das mídias sociais, encontra um obstáculo nas interações do Grindr, provavelmente por causa dos estigmas culturais relativos à homossexualidade.

## 2 CONSTITUIÇÃO DA INTERATIVIDADE SOCIAL NO MEIO CIBERNÉTICO

### 2.1 Processo de Digitalização da Comunicação

As teias de conexões ou redes que existem atualmente, são produtos de um longo processo que teve início no século XX em operações militares nas décadas de 1950 a 1970, mais especificamente durante a Terceira Revolução Industrial e, também, no mesmo período da Guerra Fria. A disputa nesse período era pelo desenvolvimento de ferramentas e armas que requeressem mais tecnologia, incluindo aí sistemas de defesa e bancos de dados sigilosos das nações envolvidas.

Diante da ameaça eminente de uma possível guerra contra a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) - que incluía a Rússia e alguns países do Leste europeu, os Estados Unidos galgava uma forma de manter seguro os arquivos confidenciais por meio da comunicação e tecnologia na implantação de um sistema que os protegessem. Esse sistema é o que se conhece como internet.

Em 1969, os Estados Unidos (EUA) desenvolveram a rede *Advanced Research Projects Agency Network* (ARPANet)<sup>1</sup> através da Defense Advanced Research Projects Agency (DARPA)<sup>2</sup>. A necessidade da criação de uma rede militar como essa se deu por conta do período conturbado e vulnerável que o EUA atravessava diante do lançamento do primeiro satélite da URSS, chamado de Sputnik. Tratava-se de um sistema com informações codificadas a fim de preservar e prover segurança juntamente com o avanço tecnológico (ABREU, 2009).

Após o surgimento da *MILNet*<sup>3</sup>, que na época era a rede focada nas unidades militares, o governo americano permitiu que cientistas e estudiosos tivessem permissão para desenvolver a *ARPANet*, na qual era utilizada para cálculos e operações matemáticas, com foco em pesquisas e desenvolvimento, como explica Abreu (2009).

O meio de estabelecer a conexão era basicamente a mesma do século XXI, via *Internet Protocol* (IP)<sup>4</sup> ou *Transmission Control Protocol* (TCP)<sup>5</sup> que serviam de

---

<sup>1</sup> Em português, Rede de Agências para Projetos de Pesquisas Avançadas;

<sup>2</sup> Em português, Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa;

<sup>3</sup> Em português, Rede Militar;

<sup>4</sup> Em português, Protocolo de Internet. (Principal protocolo de comunicação da Internet. Ele é o responsável por endereçar e encaminhar os pacotes que trafegam pela rede mundial de computadores);

<sup>5</sup> Em português, Protocolo de Controle de Transmissão;

endereço para que fossem encontrados e então conectados, porém, em velocidade muito inferior.

Nos anos 90, foi desenvolvida a “World Wide Web” (Rede mundial, conhecida como WWW), a constituição do ciberespaço, ou seja, um espaço de interação criado no fluxo de dados digitais em redes de computadores; virtual por não ser localizável no espaço, mas real em suas ações e efeitos.

Em 1991, Tim Berners-Lee e seus colegas no Centro Europeu de Pesquisas Nucleares desenvolveram a “World Wide Web”, iniciando a criação das páginas e sites – até então, o compartilhamento de dados era feito primordialmente a partir de outras formas de comunicação em rede como as BBS (“Board Bulletin System”, ou, em tradução livre, listas de mensagens) e e-mails. (MARTINO, 2014, p.15).

Este sistema nasceu para ligar as universidades entre si e possibilitar que os trabalhos e pesquisas acadêmicas fossem utilizados mutuamente em um ambiente de contribuição dos lados envolvidos. Berners-Lee também é responsável pelo desenvolvimento de duas ferramentas indispensáveis para a Internet: o código HTML<sup>6</sup> e o protocolo HTTP<sup>7</sup>.

Segundo O’Reilly (2004), a Web foi categorizada em três fases no seu processo de desenvolvimento tecnológico: a Web 1.0; 2.0; e Web 3.0. A primeira, Web 1.0 possuía um caráter fixo voltada pra sites e páginas, porém, posteriormente serviu de base à origem da versão 2.0 que, ainda hoje, sofre constantes transformações e proporciona dinâmica e interação entre os usuários.

Vale ressaltar que, se há interação, há troca de experiências. A internet é constituída com a retroalimentação de dados, experiência conhecida pelo nome de *feedback*. Esta é uma das principais características da interatividade, por ser uma resposta ou um viés daquilo que foi transmitido por um determinado usuário.

A noção de *feedback* refere-se ao fluxo contínuo de informações e respostas trocadas entre os elementos de um sistema na coordenação de suas ações. Isso não se aplica apenas a elementos eletrônicos: aonde quer que exista um sistema, sua organização dependerá da qualidade do feedback trocado entre seus componentes. (WEINER, 1975, *apud* MARTINO, 2014, p.22).

---

<sup>6</sup> Linguagem de Marcação de HiperTexto. É o bloco de construção mais básico da web;

<sup>7</sup> protocolo de transferência que possibilita que as pessoas que inserem a URL do seu site na Web possam ver os conteúdos e dados que nele existem;



Assim, ambas acompanharam o mesmo processo cronológico e a diferença se evidencia pela interatividade que a Web 2.0 oferecia. Basicamente, na era da Web 1.0 as páginas eram preenchidas com conteúdo textuais, informações de apenas um viés, portanto, sem feedback e interação com os internautas, bem como as mudanças não ocorrem na mesma velocidade que a Web 2.0.

O bom funcionamento de qualquer sistema depende, em boa medida, da interação entre as partes, que precisam, a cada momento, saber o que fazer. Daí o papel fundamental da informação como unidade básica da cibernética. A troca de informações entre os elementos de um sistema é o motor a partir do qual todas as atitudes se organizam. Quanto mais for possível prever ou controlar as informações, maior será o controle do funcionamento do sistema e prever o que vai acontecer. (MARTINO, 2014, p.22).

A constituição da Web 2.0 é marcada principalmente pela participação direta do internauta como um gerador de conteúdo, que popularizou ferramentas e serviços como os blogs, chats online, sites para publicação de vídeos, redes sociais e wikis.

A internet passa ser encarada como plataforma e, cada vez mais, novas pessoas compõem o meio digital. Os internautas passaram a se expressar e se comunicar à sua maneira. Esse comportamento deu origem à *Folksonomia*<sup>8</sup>, ou seja, uma forma própria de comunicação baseado no linguajar coloquial e falado no cotidiano das pessoas. Trata-se de uma comunicação que tem como conceito a rotulação popular (*tags*) de conteúdos rotineiros sem um caráter técnico para os usuários.

Esse período também foi marcado pelo surgimento de dispositivos cada vez menores, os dispositivos móveis, assim como a transição da internet discada para banda larga. A partir de então, o mundo digital passou a ter diretrizes próprias e deixou de pertencer a uma unidade limitadora para incorporar um sistema de comunicação descentralizado.

O desenvolvimento e aprimoramento da Web 2.0 culminou na Web Semântica, conhecida como Web 3.0. Essa por sua vez possui um alto índice de troca, compartilhamento e, também, alta velocidade. De acordo com Miskolci (2017), a vida conectada em rede começou a contestar a separação entre on-line e off-line.

---

<sup>8</sup> Termo criado por Thomas Vander Wal, em 2004;

Tais comportamentos do mundo digital passaram a interferir e se afixar na vida real das pessoas, rompendo as fronteiras virtuais.

Logo, se denomina como semântica por ter parâmetros muito superiores que vão além da conectividade humana, mas sobretudo de máquinas e sistemas de organização e controle de dispositivos. Passou a abranger e inserir, cada vez mais, o mundo real na cultura e espaço digital.

Durante a mesma década, o processo de corrida por novas tecnologias também começou a ser desenvolvido na França, com o sistema *Minitel*<sup>9</sup>. A rede começou a ser desenvolvida por volta de 1978. O interessante é que apesar de o WWW ser visto como o início da era digital, o *Minitel* surgiu pouco antes sendo o pioneiro e encarando a corrida pela inovação tecnológica com os Estados Unidos.

O *Minitel* utilizava terminais de computador que consistiam em uma tela monocromática que continha apenas texto, um teclado e um modem, embalados em uma única unidade de mesa. Os terminais *Minitel* exibiam gráficos por caracteres pré estabelecidos. Com a atualização do serviço, passou a ofertar em paleta colorida, cobrando uma taxa adicional por isto.

The DGT began distributing Minitel terminals in 1981 on a trial basis. Sven hundred Thousand terminals were in service as of April 1, 1985. By the end of 1985, there were 1.3 million terminals operation. Of 1.3 million, 1.146 million were loaned to users for no charge; 158,000 were leased from DGT. (HART, 1988, p. 21).<sup>10</sup>

Diferentemente dos Estados Unidos, o sistema francês teve grande aderência e de forma ampla na sociedade, com um consumo mais doméstico e comercial para que a população pudesse pesquisar, por exemplo, números e endereços telefônicos. A ideia era justamente substituir a utilização das famosas listas telefônicas de folhas amarelas.

Conforme o *Minitel* se espalhava por todo território, novos serviços também surgiram dentro do sistema. No comércio ou mesmo na sociabilidade das pessoas, ocupou espaço importante e um processo migratório deu ainda mais vida e

<sup>9</sup> Serviço de videotexto on-line. *Minitel* refere-se aos terminais, enquanto a rede é conhecida por *Teletel*.

<sup>10</sup> O DGT começou a distribuir os terminais de *Minitel* em 1981 em caráter experimental. 700 mil terminais estavam ativos em 1 de abril de 1985. No final de 1985, existiam 1,3 milhões de terminais operando. Dos 1,3 milhões, 1.146 mil estavam disponíveis de graça; 158.000 foram alugados da DGT. (tradução nossa);

funcionalidade para a rede. Jogos, mensagens e espaços para bate-papo e engajar relacionamentos ocuparam espaço significativo dentro dessa esfera digital.

The anonymity that the chat services provides have encouraged the sick (e.g., cancer, aids) and the troubled (e.g., drug addicts, divorced, abused) to discuss their more intimate problems with others. Also, Teletel has played a role in helping individuals who have difficulty getting out and around (e.g., the disabled, the elderly) to shop, bank, and make reservations. Universities now use Teletel to coordinate student registration, course delivery, and examination results. Other services give students access to help from teachers at all times. (CATS-BARIL e JELASSI, 1992, p.15).<sup>11</sup>

A ampla publicidade de rua comercializava serviços como "3615 Sextel", "Jane", "beijo", "3615 cobertura" e "homens", que são alguns exemplos pioneiros e conhecidos da pornografia dentro do sistema. O espaço então serviu também para dar visão à sexualidade da sociedade, principalmente dos grupos mais marginalizados, que geralmente compõem a comunidade LGBTQIA+, que nesse período era visto como algo doentio e repugnante.

One of the major problems faced by the Minitel was its use as a contact service or as an exchange of erotic/pornographic communications. The infamous 'messageries roses' (or 'Pink Minitel') created a furore of debate over standards and morals in the 1980s and early 1990s, and one of the concerns evident in the French debate over the internet is the way its freedom may be exploited for - however they are to be defined - nefarious purposes. (DAUNCEY, 1997, p.72-89).<sup>12</sup>

Em 1986, *Minitel* já tinha tomado conta do território francês, sendo um rival direto dos veículos de notícia da época. Pouco tempo depois, a informação se uniu a inovação, e o jornais passaram a publicar notícias 24 horas por dia, nos pontos

---

<sup>11</sup> O anonimato que os serviços de bate-papo fornecem encorajou os doentes (por exemplo, câncer, aids) e os problemáticos (por exemplo, viciados em drogas, divorciados, abusados) a discutir seus problemas mais íntimos com outras pessoas. Além disso, o Teletel desempenhou um papel importante em ajudar os indivíduos que têm dificuldade de locomoção (por exemplo, deficientes, idosos) a fazer compras, fazer transações bancárias e fazer reservas. As universidades agora usam o Teletel para coordenar o registro do aluno, a entrega do curso e os resultados dos exames. Outros serviços dão aos alunos acesso à ajuda de professores em todos os momentos. (Tradução nossa);

<sup>12</sup> Um dos maiores problemas enfrentados pelo Minitel era o seu uso como serviço de contato ou troca de comunicações eróticas / pornográficas. As infames 'rosas das mensagens' (ou 'Pink Minitel') criaram um furor de debate sobre padrões e moral na década de 1980 e início de 1990, e uma das preocupações evidentes no debate francês sobre a internet é a forma como sua liberdade pode ser explorada para - entretanto eles devem ser definidos - propósitos nefastos. (Tradução nossa);

espalhados pelas cidades, que ultrapassavam o marco de um milhão. Ao final da década de 90, milhões de pessoas possuíam acesso ao serviço.

The privacy of the home takes on functions previously assigned public spaces like bars and clubs, but with an important twist: the blank screen serves not only to link but also to shield the identities of the interlocutors. As with newspaper "personals," individuals have the impression that the Minitel gives them full command of all the signals they emit, unlike risky face-to-face encounters where control is uncertain at best. Enhanced control through written selfpresentation makes elaborate identity games possible. "Instead of identity having the status of an initial given (with which the communication usually begins), it becomes a stake, a product of the communication". (BALTZ, 1984, p. 185).<sup>13</sup>

Assim como grande parte dos aplicativos que estão ofertados dentro dos mercados digitais em qualquer dispositivo eletrônico são gratuitos e versões desses programas só podem ser acessados por meio de pagamento. Dessa forma, apesar do imenso avanço tecnológico, o *Minitel* surgiu como modelo pioneiro adotado pela sociedade do século XXI, e que serviu de referência inclusive para o desenvolvimento da WWW.

## 2.2 Relações Sociais e Mídias Digitais no Ciberespaço

A Internet como é conhecida, conforme exposto sobre a Web 3.0, surgiu em um período em que diversas questões sociais, políticas e econômicas estavam em curso ou sendo deliberadas de forma simultânea, a exemplo, os debates acerca dos gêneros, principalmente a ideologia e movimento feminista, questões raciais, as bandeiras levantadas pela comunidade LGBTQIA+, a geração hippie e de contracultura, entre outros.

Com a chegada da era cibernética semântica, diversas comunidades constituíram-se ao logo do tempo e, com isso, deu origem a espaços de interações

---

<sup>13</sup> A privacidade do lar assume funções antes atribuídas a espaços públicos como bares e discotecas, mas com uma importante reviravolta: a tela em branco serve não apenas para vincular, mas também para blindar as identidades dos interlocutores. Tal como acontece com os "encontros pessoais" de jornais, os indivíduos têm a impressão de que o Minitel lhes dá o comando total de todos os sinais que emitem, ao contrário de encontros cara a cara arriscados em que o controle é, na melhor das hipóteses, incerto. O controle aprimorado por meio da autorrepresentação escrita torna possíveis jogos de identidade elaborados. "Em vez de a identidade ter o status de um dado inicial (com o qual normalmente começa a comunicação), ela se torna uma aposta, um produto da comunicação". (Tradução nossa);

em que diversas possibilidades estão ao dispor entre os usuários. Os interesses e conectividade, aliados às inovações tecnológicas serviram de ponta pé para o surgimento de outros dispositivos com o intuito de facilitar e fornecer ainda mais serviços de afinidade, relações sociais e comunicação no ciberespaço.

Os aplicativos de paquera são frutos do desenvolvimento da internet ao longo do tempo e compõem características importantes do surgimento da web 3.0/semântica, uma vez que utilizam os artifícios como a geolocalização, não apenas como informação de distância, mas como forma de aproximar quem está ao redor e promover um mapeamento desses indivíduos. Além disso, o próprio recurso de filtros presente no aplicativo também é uma ferramenta que atua como algoritmo na busca pelo parceiro ideal.

Assim como o comportamento do mundo off-line se integra também no on-line, as nomenclaturas, como a denominação “rede social”, também advêm de uma lógica off-line.

Rede Social é uma expressão cunhada do pesquisador J. A. Barnes, apresentada pela primeira vez em uma comunicação em 1953 e publicada em 1954. Foi empregada para descrever como noções de igualdade de classes eram utilizadas e de que forma indivíduos usavam laços pessoais de parentesco e amizade em Bremnes, uma comunidade da Noruega. O autor se inspirou nas idéias de Radcliffe-Brown (1940) que já falava sobre estrutura social como uma rede de relações. (BARNES, 1987, pp. 160-161-164).

O ciberespaço proporcionou uma interface e o estreitamento de laços entre os usuários e dispositivos com diversas opções de interatividade, ou seja, ações, interferências entre os próprios usuários. Um dos pontos que se pode destacar são as modulações entre os comportamentos presenciais e virtuais dos indivíduos. Assim, muito do comportamento humano é reproduzido dentro desse elo virtual, a conexão de atitudes, discursos, possibilidades, imagem, sons, documentos e ideias passou a ser concebida e disseminada dentro do meio digital.

O ciberespaço pode ser, portanto, considerado como uma virtualização da realidade, uma migração do mundo real para um mundo de interações virtuais. A desterritorialização, saída do “agora” e do “isto” é uma das vias régias da virtualização, por transformar a coerção do tempo e do espaço em uma variável contingente. Esta migração em direção à uma nova espaço-temporalidade estabelece uma realidade social virtual, que, aparentemente, mantendo as mesmas estruturas da sociedade real, não possui, necessariamente,

correspondência total com esta, possuindo seus próprios códigos e estruturas. (GUIMARÃES, 1997, s/p).

A cultura difundida por meio do ciberespaço reflete em partes os comportamentos do mundo off-line, no entanto, agrega em si um leque de possibilidades e ações. Os ambientes reais como festas, bares e boates, que são espaços estratégicos para conhecer novas pessoas, passou a se constituir no ciberespaço em forma de salas de bate-papos de encontros, aplicativos ou plataformas com propostas e conceitos específicos.

As redes são virtuais, mas também atuais, são técnicas, mas também sociais, portanto, são por vezes estáveis, mas também dinâmicas. Elas incluem em si mesmas um movimento social de dinâmicas ao mesmo tempo locais e globais, o que indicaria uma tensão entre forças de globalização e de localização. O autor ressalta ainda que as redes integram e desintegram, destroem velhos recortes espaciais e criam outros. (SANTOS, 1996, p.222).

A ascensão dos aplicativos disponibilizando muito dos serviços do mundo real com a velocidade de conexão, se deu a partir do surgimento dos *smartphones*. Neles são ofertadas operações como: *delivery*<sup>14</sup> de produtos em geral, games, serviços de transportes e, no campo social, o compartilhamento do estilo de vida dos usuários e a interação por meio do *feedback* do que está sendo publicado por eles nos aplicativos de redes sociais.

Os primeiros sites ou plataformas que visavam tais possibilidades e serviços eram em formato de salas de bate-papo virtuais, ou sites onde os usuários se cadastravam e criavam perfis simples, sem muitas informações ou possibilidades. Entre as décadas de 80 e 90, o surgimento desses espaços deu início a um período da busca incessante por parceiros desconhecidos no meio cibernético.

[...] Com tal expansão, a Internet ganhou milhares de usuários ao redor do mundo, que podiam a partir de então, buscar - sem sair de suas casas - novas informações antes inacessíveis, através de pesquisas online e conhecer novas pessoas neste novo lugar chamado ciberespaço. (OLIVEIRA, 2007, p. 40).

No entanto, os produtos digitais do século XX, são frutos de uma constante evolução e desenvolvimento, que teve início com o clássico Internet Relay Chat

---

<sup>14</sup> Em português, entrega à domicílio;

(IRC), primeiro chat criado, em 1988, por Jarkko Oikarine. Limitava-se a trocar informações técnicas a respeito de computadores e entusiastas da área. Durante a Guerra do Golfo e a Copa Soviética, serviu de grande ferramenta de troca de informações e notícias por vários usuários.

Quase uma década depois, enquanto o IRC se firmava como a principal ferramenta de comunicação, uma ferramenta muito conhecida estava por surgir. O *Microsoft Network* (MSN) surgiu por volta de 1995, pela empresa *Microsoft*. O MSN foi responsável por marcar toda uma geração que já vivenciava de forma mais imersa o surgimento da internet e das mídias sociais.

Outro diferencial estava em ser uma ferramenta simples combinando chamadas de vídeo, símbolos que receberam o nome de *emoticons*<sup>15</sup> e que serviram de grande dinamização na época e foram atualizados e utilizados nos demais aplicativos que surgiram posteriormente.

Ainda na época, o *Yahoo! Messenger* foi criado no ano de 1998 e fez a primeira junção entre e-mail e *chat online*. Porém, a novidade não foi capaz de ultrapassar a inovação do MSN. Um pouco depois foi a vez do ICQ chegar ao mercado. Porém, como não era uma ferramenta fácil de se usar, caiu em desuso e, assim como o Yahoo, foi substituído pelo *MSN Messenger*.

A *Microsoft* não parou. Em 2012, a empresa comprou o *software* de chamada audiovisual, *Skype*, e decretou o fim do MSN. O programa é baseado no *Voice Over IP* (VOIP)<sup>16</sup> e foi criado em 2003. Dentre as principais funções, o programa oferecia vídeo conferências, transferências de arquivos e conversa pelo chat de forma gratuita.

*Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *Youtube* são outros exemplos de redes sociais que estão ativos e consolidados, espaços que proporcionam interatividade entre os internautas e *feedbacks* gerais por meio de ferramentas audiovisuais, que revolucionaram e agregaram ainda mais o conceito das mídias digitais.

Apesar de suprir diversas necessidades a um toque, uma demanda constante dos indivíduos sempre será a sociabilidade e encontros. Um dos mais importantes dos últimos anos é o *WhatsApp*. Sendo a principal ferramenta de troca de mensagens por *Smartphones*, o *WhatsApp* conta com mais de 460 milhões de

---

<sup>15</sup> Representação gráfica de uma emoção feita através dos caracteres que você tem à disposição no teclado do smartphone;

<sup>16</sup> Em português, Voz Sobre Protocolo de Internet;

usuários. Com uma interface simples e nenhuma propaganda, o *WhatsApp* conseguiu fazer história no sistema de chats simultâneos, principalmente no Brasil.

Muito dessa relação indivíduo-redes refletem exatamente um desejo primordial das pessoas. Como explica Torres (2009), apesar das inúmeras invenções, a internet e as mídias dão vazão a comportamentos básicos dos indivíduos.

Se observarmos atentamente, as mídias sociais resgatam, por meio da Internet, o modelo de comportamento mais básico do ser humano: um animal social, que sempre viveu em grupo, se comunicou, se alimentou e criou de forma coletiva. Isso explica o grande sucesso das mídias sociais. Elas simplesmente atendem ao desejo mais básico das pessoas e, ao mesmo tempo, as colocam no centro dos acontecimentos de sua tribo ou comunidade. (TORRES, 2009, p.113).

Outra forma de interação que se pode citar como exemplo é da relação social em busca de parceiros online, visando especificamente parceiros amorosos e/ou trocas de experiências sexuais. Estes são conhecidos como aplicativos de pegação/relacionamentos online.

No Brasil, a plataforma pioneira mais conhecida é o do Bate-papo UOL, que serviu de espaço para diversos encontros. Porém, acredita-se que, no mundo, o primeiro site de relacionamentos a ser criado é o *match.com*. Nos anos 2000, o site chegou a ter cerca de 2 milhões de membros. Porém, com o surgimento dos dispositivos móveis, aplicativos específicos foram criados para serem utilizados nesses aparelhos.

O interessante desse breve histórico da evolução das plataformas para os aplicativos é a necessidade construída no ser humano de expor e estar visível a todo instante. Donath (1999) apud Recuero (2009) evidencia a comunicação como ferramenta crucial de propagação e percepção, aliada aos conteúdos audiovisuais publicados pelos internautas.

A percepção do outro é essencial para a interação humana. Ela mostra que, no ciberespaço, pela ausência de informações que geralmente permeiam a comunicação face a face, as pessoas são julgadas e percebidas por suas palavras. Essas palavras, constituídas como expressões de alguém, legitimadas pelos grupos sociais, constroem as percepções que os indivíduos têm dos atores sociais. (DONATH, 1999, apud RECUERO, 2009, p.27).



Um novo universo individual também projeta novas formas de se mostrar. O campo digital arregaça as vias e possibilidades do ser e de como quer ser mostrado. Maffesoli (1998) discorre sobre a pluralidade e as “máscaras” existentes nas chamadas “tribos”. O pensamento dos anos 90 ainda nos anos 2000, se apresenta como constante.

[...] uma multiplicidade de tribos, às quais se situam uma com relação às outras. Assim, cada pessoa poderá viver sua pluralidade intrínseca, ordenando suas diferentes “máscaras” de maneira mais ou menos conflitual, e ajustando-se com as outras “máscaras” que a circundam. Eis aí, como podemos explicar, de alguma forma, a morfologia da rede. Trata-se de uma construção que, como certas pinturas, valorizam todos os seus elementos, sejam eles os mais minúsculos ou os mais insignificantes. (MAFFESOLI, 1998, p.207).

Tal multiplicidade dada por Maffesoli denota bem o cotidiano dos indivíduos que vivem na era da web semântica. Com as infinitas possibilidades, espaços virtuais, as pessoas podem se organizar e interagir umas com as outras de maneira rápida e prática, bem como encontrar suas próprias tribos e identidades no meio digital. Um exemplo desse modo de se socializar é o aplicativo Grindr, do qual abordaremos alguns aspectos no capítulo a seguir.

### 3 GRINDR

Além das redes descritas acima, existem diversas plataformas com propostas segmentadas para nichos e comunidades, como é o caso do aplicativo Grindr, que é o produto escolhido para análise. Trata-se de uma interface dinâmica que propõe de maneira ágil e prática o engajamento de pessoas que estão em busca de conhecer parceiros amorosos ou encontros casuais. Vale ressaltar que, apesar do Grindr ter expandido seu público para os demais entes da comunidade LGBTQIA+, ainda encontra como principal público potencial os homossexuais cis gênero.

Em décadas anteriores, por volta dos anos 70/80, os homossexuais viviam em demarcações da cidade que eram denominados como “guetos”, espaços marginalizados. É importante dar destaque ao período exposto pois esse momento acompanhou a revolução tecnológica e junto a isso, a dificuldade de pares da comunidade LGBTQIA+ de se reunirem. Sem dúvida, a não existência da internet limitou a qualidade de vida dessas pessoas.

Para Filho (2014), acredita-se que a condição dos homossexuais na cidade não é a mesma. Assim como as dinâmicas citadinas, as relações dos homossexuais com os demais cidadãos e com o espaço público vêm sofrendo transformações que nos permitem pensar a questão que colocamos. É neste contexto que observamos as tensões entre as tecnologias da comunicação e as urbes.

Há um tom de marginalidade quando pensamos em como os homossexuais masculinos ocuparam as cidades. Se nos referimos a uma margem é porque entendemos que a heteronormatividade é concebida socialmente como centro. [...] Os grandes centros, frequentados pela “elite padrão” heteronormativa coibiu a entrada de outras “identidades”. (FILHO, 2014, p.193).

No entanto, com o surgimento do Grindr, o que seria um ambiente reservado nos subúrbios das cidades para a comunidade LGBTQIA+, como boates, restaurantes, bares e outros espaços físicos destinados a esse público, no mundo cibernético, por outro lado, os aplicativos que seguem essa proposta tomam a frente e quebram barreiras geográficas. No entanto, enquanto produto, o Grindr ainda esbarra em diversas questões socio econômicas, de acesso aos meios, entre outros.

O dinamismo é uma característica comum a qualquer meio onde haja interação. Ser oposto ao “modelo fixo”, pré surgimento das mídias digitais, também se encaixa nas definições do mundo digitalizado e veloz que se vivencia todos os dias. Porém, assim como as definições, serviços e espaços, no meio digital as características culturais e comportamentais do mundo off-line também são reproduzidas no ciberespaço.

O aplicativo Grindr agregou diversos aparatos mencionados acima. Criado em 2009, pelo israelense Joel Simkhai, o Grindr conta com aproximadamente 30 milhões de usuários espalhados por cerca de 200 países. A empreitada que tem quase duas décadas de existência, foi pensada a partir da necessidade de Simkhai em solucionar a questão da exposição e quebrar as barreiras para ter acesso a conhecer outras pessoas LGBTQIA+. Em entrevista para a revista francesa Numéro, Joel alega que tinha dificuldade para conhecer outros homens, não tinha muitos amigos e tinha acabado de se mudar para Los Angeles, no estado da Califórnia.

Então, segundo ele, após o lançamento da segunda geração do sistema IOS com GPS da empresa Apple, Simkhai uniu seus anseios e ideias com a novidade daquele ano, anunciada pelo fundador da Apple, Steve Jobs. Ele afirma que:

I moved to L.A. in March 2008, and in June of that year Steve Jobs announced the second generation of iPhones with GPS and the ability to develop third-party apps. I immediately knew I wanted to use that to meet guys. I'd already been thinking about easier ways to meet. When I was living in Manhattan I would wonder about the guys who lived around my block, or the guys in the bar I went to – how do I meet them? I wanted to do something with that, really focused on proximity and location. (SIMKHAJ, s/a, s/p.).<sup>17</sup>

De acordo com Grohmann (2015), pode-se pensar, por um lado, o Grindr e aplicativos semelhantes a partir da metáfora do “cardápio humano”, onde as imagens e os corpos são valorizados e oferecidos como produtos em uma prateleira do mercado, e por outro, como ocorrem mudanças na sociabilidade com o intuito de

---

<sup>17</sup> Eu me mudei para L.A em março de 2008 e em junho daquele ano, Steve Jobs anunciou a segunda geração de iPhones com GPS e a habilidade para desenvolver aplicativos terceirizados. Eu imediatamente sabia que queria usar para conhecer rapazes. Eu já estava pensando sobre formas mais fáceis de conhecer outros homens. Quando eu estava morando em Manhattan, eu gostava de imaginar outros homens que moravam no mesmo quarteirão que eu, ou homens nos bares que eu frequentava – como conhece-los? Eu queria fazer algo sobre isso, realmente focado na proximidade e localização. (Tradução nossa). Disponível em: <https://www.numero.com/en/culture/culture-encounter-joel-simkhai-founder-grindr#>. Acesso em: jul. de 2018;

relacionamentos a partir dos dispositivos comunicacionais, por vezes, auxiliando nessa relação.

Segundo Couto, *et al.* (2013) o exibicionismo é categórico, pois para se sobressair neste contexto os usuários têm que apresentar uma “mercadoria” desejável. Eles são, ao mesmo tempo, os promotores das mercadorias e as mercadorias que promovem. Estes aplicativos ressaltam a mercantilização das relações interpessoais porque se assemelham às transações de compra e venda. Numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o sexo experimentado de muitos modos e intensidades, são mercadorias apreciadas.

Para Turcke (2010), o domínio simbólico é o da sedução e os sujeitos fazem marketing de si mesmos, publicitam suas imagens para atrair olhares e participar desta trama nas redes infinitas e alegres das trocas. É pelas sensações que a sociedade vive excitada.

É preciso circular, ganhar visibilidade, proliferar a si mesmo, viver de excessos e desperdícios. Influenciados pelas mídias, a meta é enfeitar e recriar o próprio eu como se fosse um personagem audiovisual. Desse modo, são muitos os apelos para que as pessoas se tornem visíveis, ficcionalizem a realidade, exteriorizem as intimidades nas telas, já que a profusão de telas multiplica ao infinito as possibilidades de se exhibir diante dos olhares alheios e, desse modo, tornar-se um eu totalmente visível. (SIBILIA, 2008, p.241-242).

Para entender como o Grindr funciona na prática, é preciso ter ciência das narrativas que guiam a plataforma. Foucault (1999) em um período pré digitalização dos meios – portanto, que antecede o surgimento do Grindr, apresenta uma abordagem acerca das interações sociais ao descrever esses aspectos como uma normalização discursiva, repleta de desigualdades e hierarquias. Essas estruturas, apesar de idealizadas em um momento anterior à internet, ainda estão associadas aos mecanismos de sociabilidade/interação da cibercultura. Com olhar mais analítico, percebe-se a existência de padrões discursivos que predominam e são reproduzidos, muitas vezes constituídos a partir de um viés heteronormativo, e são ditados de forma consciente, ou seja, resquícios culturais que permanecem se propagando no universo on-line.

Não se fala menos do sexo, pelo contrário. Fala-se dele de outra maneira (...). Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de descrição é exigida a uns e outros. (FOUCAULT, 1999, p. 30).

Basta compreender que o aplicativo Grindr é um prato cheio para aplicar a análise sobre os discursos pois, de forma abrangente e explícita, pode-se ter acesso às intenções, aos moldes sociais estabelecidos e a maneira de comunicar algo dos usuários. Seja por fotos, fisionomia ou aspectos físicos, descrições, todas essas informações constituem uma formação que, por sua vez, comunica e transmite uma mensagem. Contudo, Couto (2012, p.33) afirma que na cibercultura essa é a forma de realização plena das sexualidades, em que o sexual é apenas um modo de aparecimento, um brilho efêmero e arrebatador dos corpos, turbinados pelas tecnologias, nas carícias sem fim das telas.

Em um ambiente em que os corpos são expostos como roupas em vitrines, as táticas de oferta e sedução são aspectos interessantes de serem observados nesse trabalho, principalmente o entendimento da constituição desses corpos feitos a partir da formação discursiva e da construção de um *ethos*.

#### 4 ANÁLISE DO DISCURSO – FORMAÇÃO DISCURSIVA E SENTIDO

Diante das diversas frentes de pesquisas e pensamentos, o discurso se deslocou de um lugar meramente linguístico e gramatical para galgar novos sentidos que constituem a linguagem. A partir dessa visão, as Formações Discursivas (FDs) passaram a ser estudadas e compreendidas.

Um dos principais precursores do estudo sobre o discurso e enunciações, Michel Pêcheux (1995), acredita que as FDs são construídas a partir das regularidades que fazem parte de um mesmo padrão semântico e sofrem interferências pelo meio. O contexto, representações, a história e ideologia geram raízes discursivas que são moventes e agregam a um determinado discurso. Branco e Diez (s/a) explanam bem os pensamentos de Pêcheux:

[...] a AD é um dispositivo como a prática analítica e funciona na captação do real da língua, que em outras palavras significa aquilo que nos aproxima daquilo que está mais perto do que é próprio da língua, tenta fazer o processo de produção de sentido no exato momento que o sentido faz sentido. Num maior entendimento poderíamos aprofundar sobre caixa de conceitos: história, ideologia, sujeito, sentido e discurso quadro teórico conceitual que circula na AD. (BRANCO e DIEZ, s/a, p. 8408).

Porém, toda a teoria explanada por Pêcheux é, na verdade, um agregado de posicionamentos que tem início com o estudo do materialismo histórico dado por Louis Althusser. A aplicação desse estudo foi feita em cima da ideologia Marxista e do sistema capitalista, sobre a produção e disseminação de discursos como medida de obtenção de poder, manipulação e controle social.

Faz-se importante destacar esse aspecto porque a proposta desta pesquisa é entender a disseminação e valorização de determinadas FDs baseadas no contexto social que, sem dúvida, trata-se de uma compilação das esferas políticas, econômicas, sociais, psicanalistas e sexuais dos sujeitos.

Dessa forma, o sujeito para Pêcheux (1995) não é um sujeito totalmente livre e, assim como as FDs, ele é resultado da relação da linguagem com a história. O sujeito discursivo nunca é fonte única do sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso. Ele atua no interior de uma dada FD que afeta e determina suas práticas.

[...] Essas interpretações e acobertamentos, idealistas encontravam seu fundamento num terceiro ponto, a saber, o efeito ideológico “sujeito”, pelo qual a subjetividade aparece como fonte, origem, ponto de partida ou ponto de aplicação. (PHÊCHEUX, 1995, p. 131).

Assim, a incompletude é uma propriedade do sujeito e a afirmação de sua identidade resultará da constante necessidade de completude, ou seja, de se encaixar em alguma FD que o represente. No entanto, o valor semântico do que se diz resguarda em si um pré significado oriundo de uma formação cultural-ideológica, para que, o que se pensa para dizer já possua em si um sentido. Esse sentido é denominado como interdiscurso. Assim toda a vez que falamos de algo, ao se pensar neste algo tomaremos nossa memória para construir o objeto que me foi falado. (BRANCO e DIEZ, p.8412).

A primeira [dependência] consiste em colocar que o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido. Segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referências às formações ideológicas. [...] (PÊCHEUX, 1995, p 160).

Todos os enunciados se traduzem pelo sentido que carregam. Maingueneau (2004), argumenta que o sentido estaria de alguma forma inscrito no enunciado, e sua compreensão dependeria essencialmente de um conhecimento léxico e da gramática da língua; o contexto mencionado acima como características determinantes de uma FD, desempenharia um papel periférico, fornecendo os dados que permitem desfazer as eventuais ambiguidades dos enunciados e perceber de quais grupos enunciativos são compostos.

Chega-se assim inevitavelmente à ideia de uma “ciência de todo e qualquer objeto”, para a qual somente existiriam relações pensadas, esvaziadas de todo “ser”: trata-se dessa língua “logicamente perfeita”, ou ideografia, da qual se exigirá “que toda expressão construída como um nome próprio, a partir de sinais previamente introduzidos, e de maneira gramaticalmente correta, designe, de fato, um objeto, e que nenhum sinal novo seja introduzido como nome

próprio sem que lhe seja assegurada uma referência”. (PÊCHEUX, 1995, p.126).

Da mesma forma que Pêcheux, Maingueneau também compreende o sentido como algo incompleto que ele afirma ser “assimétrico”, pois está suscetível ao sujeito que interpreta o enunciado e que reconstrói seu sentido. Quer dizer, apesar de originar-se em algum momento, o enunciado produz ramificações desses sentidos em determinados contextos.

Esses sentidos determinarão, portanto, qual o padrão estabelecido e qual valor simbólico determinado que o enunciado assumirá. O reprodutor do enunciado deve, então, respeitar as “regras do jogo”.

As leis do discurso não são normas de uma conversação ideal, mas regras que desempenham um papel crucial no processo de compreensão dos enunciados. Pelo simples fato de serem supostamente conhecidas pelos interlocutores, elas permitem a transmissão de conteúdos implícitos. (MAINGUENEAU, 2004).

#### 4.1 A Imagem de Si – *Ethos* em Maingueneau

Nesse caso, o exibicionismo é a chave para uma interação efetiva, e o Grindr é um modelo de aplicativo que agrega esse propósito. No entanto, isso só se torna possível quando essa exibição está atrelada a uma linguagem de interesse específico. Quando utilizada de forma adequada, munido de todas as informações, o conjunto dessas significações, seja por foto, descrição ou enunciado, geram o chamado *ethos*.

Este é o tipo de fenômeno que, como desdobramento da retórica tradicional, podemos chamar de *ethos*: por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador. [...] Desse modo, a eficácia do *ethos* se deve ao fato que ele se envolve de alguma forma a enunciação, sem estar explícito no enunciado. (MAINGUENEAU, 2004, p.107).

No meio digital isso se torna possível, e os internautas muitas vezes sentem-se livres para constituir um *ethos* com o intuito de transparecer aquilo que desejam ser ou que atenda suas necessidades no ato da paquera, e sejam atraentes do ponto de vista de quem está do outro lado da tela. Por isso, essa linguagem é



primordial para quem pretende se relacionar em aplicativos de relacionamento como o Grindr.

Tendo isso como base, é necessário compreender como essas narrativas se sustentam, que esbarra justamente com a proposta deste trabalho, de analisar e entender a formação do *ethos* por meio desses discursos proferidos pelos usuários na interação com outros dentro do aplicativo, e quais FDs o constitui.

O texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um co-enunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir 'fisicamente' a um certo universo de sentido. O poder da persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados. (MAINGUENEAU, 2004, p.73).

O autor chama a atenção para o fato de que qualquer discurso escrito possui uma vocalidade específica que se manifesta por meio de um tom: este tom indica quem o disse, permitindo relacioná-lo a uma fonte discursiva e determinar o "corpo do enunciador" – e não do autor efetivo: "a leitura faz emergir uma origem enunciativa, uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador". (MAINGUENEAU, 2004).

O "caráter" corresponde a uma gama de traços psicológicos. Já a "corporalidade" corresponde a uma compleição corporal, mas também a uma maneira de se vestir e de se movimentar no espaço social. O *ethos* implica, com efeito, uma disciplina do corpo apreendido por intermédio de um comportamento global. (MAINGUENEAU, 2004, p.108).

Nesse sentido, o leitor constitui a figura de um fiador que se investe de um caráter e de uma corporalidade. Estes, por sua vez, apoiam-se em estereótipos sociais, ou seja, em representações sociais valorizadas ou desvalorizadas. Neste caso, o *ethos* não preexiste à enunciação, uma vez que é por seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer.

Diferentemente do que acontece na abordagem clássica, aqui o enunciador não é um ponto de origem estável, que se expressaria desta ou daquela maneira. É nesse sentido que Maingueneau afasta-se da concepção de *ethos* como procedimento ou como estratégia, na medida em que, para ele, os conteúdos não preexistem à cena de enunciação que eles assumem: o fiador legitima sua maneira

de dizer por seu próprio enunciado e a cena de enunciação é, simultânea e paradoxalmente, aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra: "São os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar e validar a própria cena e o próprio *ethos*, pelos quais esses conteúdos surgem". (MAINGUENEAU, 2004).

Maingueneau (2004) identifica também o processo de "incorporação" que é expressado em três registros, de que seria a ação do *ethos* sobre o coenunciador: o primeiro é a enunciação que leva o coenunciador a conferir um *ethos* ao seu fiador, ela lhe dá corpo; no segundo, o coenunciador incorpora, assimila, desse modo, um conjunto de esquemas que se definem para um dado sujeito, pela maneira de controlar seu corpo, de habita-lo, uma forma específica de se inscrever no mundo; Por fim, o pesquisador compreende que essas duas primeiras permitem a constituição de um corpo, o da comunidade imaginária dos que comungam na adesão a um mesmo discurso.

Aplicando esses conceitos no caso do campo de enunciações presentes no Grindr, para que de fato o *ethos* exerça um poder de captação, este deve estar atrelado a uma conjuntura ideológica: a da virilidade – na qual acredita-se que grande parte das FDs se baseiam dentro do aplicativo. Dessa forma, os usuários servem de estereótipos masculinizados e repletos de cargas ideológicas da virilidade e, assim, o processo de incorporação ocorre.

Então, é válido dizer que, apenas quem sustenta o estereótipo pode se apropriar de determinado discurso, e do discurso, faz-se o *ethos* se espalhar. Essa é a regra do jogo. E antes que o processo se conclua, a sabatina imaginária determina se aquela imagem final merece ou não aprovação e se possui valor dentro do contexto valorizado.

Além disso, o enunciador – no papel de fiador dado por Maingueneau – também usufrui do *ethos híbrido*, em que duas moldes sociais se misturam para projetar sentidos que se complementam; um aderente ao contexto, e o outro ao que busca ser atrativo e, desta maneira, ser o ideal de almejado. Geralmente, partem de enunciados opostos na busca de um efeito autenticamente "macho" para os perfis do Grindr.

## 5 VIRILIDADE NO CONTEXTO HISTÓRICO

Para compreender melhor a constituição desse sistema de narrativas, ainda repleto de discursos e ideologias opressoras e conservadoras presentes no século XXI, é necessário destacar alguns pontos históricos que teceram a linha cultural para o que se vê hoje. O desejo, por exemplo, por muito tempo sempre foi motivo de vergonha, uma sensação que era ditada como impura, desleal aos preceitos da Igreja.

A época é o século XVIII. Tratava-se de um regime “repressivo”. O desejo era visto com distração para os trabalhadores, que não poderiam perder tempo, pensar em banalidades. Além disso, sustentava-se aí, o discurso religioso que ditava que o prazer é apenas advindo de Deus, e o prazer da carne só poderia existir com a intenção de reprodução. Basicamente, a vida dessa sociedade era de nascer, casar, trabalhar, reproduzir e constituir uma família.

Até ao menos o século XIX, o desejo era compreendido religiosamente como a “carne” (em oposição ao sublime espírito) e cientificamente como instinto (em oposição ao civilizado amor). As interpretações religiosas e científicas mais tradicionais justificavam a repressão e o controle do desejo visando a formas socialmente responsáveis, leia-se voltadas à reprodução, dentro de relações estáveis reconhecidas pela religião e pelo Estado, portanto dentro do casamento e visando à formação de famílias. (MISKOLCI, 2017, p.30).

Empeirava o silêncio, tamanho era o tabu acerca de tais questões. Porém, o homem, mesmo assim, de sentimento inato que respondia aos anseios de sentir e desejar, não perderia a vontade de saber. Até então, o assunto era debatido apenas entre estudiosos, alto clero e profissionais da psiquiatria. Certos desejos como os advindos da homossexualidade, eram encarados como enfermidade, ou desvios de identidade que deveriam ser controlados.

Daí a necessidade do poder construído ao longo do tempo pela Igreja para instituir controle perante a sociedade, persuasão para guiar e conduzir para o caminho que se queria. No entanto, esse período ensurdecido escondia anseios e muitas perguntas precisavam ser respondidas; não durou muito tempo até que, as pessoas perderam o silêncio pelo desejo de falar sobre o desejo.

A partir de mecanismos de controle e interdição nas relações amorosas, um “regime de controle da sexualidade culturalmente criado e subjetivamente incorporado por meio do aprendizado social de quais relações são reconhecidas e visíveis no espaço público” passou a prevalecer como padrão a ser seguido dentro da sociedade. (MISKOLCI, 2013, p. 316).

De acordo com Miskolci (2017), nessa perspectiva, o desejo não vem de dentro de um sujeito dado, tampouco é imposto por algum aparato externo a ele. O desejo é um eixo articulador entre o sujeito e a sociedade sendo moldado na interação social. Foucault (1999) também contribui para essa reflexão ao afirmar que:

Esse discurso sobre a repressão moderna do sexo se sustenta. Sem dúvida porque é fácil de ser dominado. Uma grave caução histórica e política o protege; pondo a origem da Idade da Repressão no século XVII, após centenas de anos de arejamento e de expressão livre, faz-se com que coincida com o desenvolvimento do capitalismo: ela faria parte da ordem burguesa. (FOUCAULT, 1999, p.27).

Essa repressão, sem dúvida, promoveu e sustentou o abismo social que ainda é encarado no século XXI. Na era da repressão - como denomina Foucault esse período de silêncio, pais não falavam com seus filhos sobre sexo, sobre o desejo e sexualidade. Na escola, as crianças também não encontravam repouso para suas indagações, professores não debatiam tais assuntos. Assim, uma cultura baseada nos moldes impostos durante essa época, ainda no presente, encontra desconfortos de abordagens.

O fato de falar-se do sexo livremente e aceitá-lo em sua realidade é tão estranho à linguagem direta de toda uma história, hoje milenar e, além disso, é tão hostil aos mecanismos intrínsecos do poder, que isto não pode senão marcar passo por muito tempo antes de realizar a contento a sua tarefa. (MISKOLCI, 2017, p.14).

Faz-se então valer o entendimento e buscar as instâncias de produção discursiva que, evidentemente, também organizam silêncios, as quais, frequentemente, fazem circular erros ou desconhecimentos sistemáticos. Essa busca deu início a um dos períodos mais polêmicos e fundamentais para a desconstrução e liberdade de discurso acerca do sexo. A chamada “Revolução Sexual” emergiu no final da década de 60, e trata-se de uma fase em que Miskolki

(2017) compreende como uma soma da chamada liberação sexual feminina e a despatologização da homossexualidade, que gerou profunda transformação dos comportamentos e moldes sociais e, é claro, da linguagem e o “fato discursivo” sobre esses grupos.

No Brasil, no entanto, esse período chegou tardiamente, uma vez que, em 1964, o país enfrentava um os períodos de maior censura e ceifação da liberdade de expressão com a ditadura militar. Com a dificuldade ao acesso à informação, dificilmente os textos, livros, e as ideologias sobre essas questões alcançariam a massa da sociedade brasileira.

O sexo alcançava com novas formulações e desvinculado da reprodução, mas tão somente por prazer. As igrejas que até então possuíam o sacramento da confissão como forma de expressar os desejos para debaixo dos panos e como forma de restringir e, diante de todo o contexto de libertação, agora entrava num embate com a revolução. O povo falava e discutia o sexo. A linguagem e o discurso se moldavam.

O fato de que a sexualidade se tornou um espaço para conjecturar sobre a verdade de si e um dos meios para alcançar autonomia deve ser motivo de investigação, o que envolve não ignorar o papel social do desejo na crescente conscientização dos sujeitos sobre seus direitos. O desejo, assim, pode gerar leituras sobre o controle ou transformação social, ser lido como definidor estático de uma verdade sobre si mesmo ou um dos catalizadores contemporâneos de luta por reconhecimento. (MISKOLCI, 2017, p.38).

Esse reconhecimento coloca em xeque as normas legais, institucionais e mesmo as convenções culturais que constituíram cidadania e as nações como uma comunidade imaginada, fundamentalmente, como heterossexual. Por um lado, o feminino desconstruindo o estereótipo de “sexo frágil”, por outro, a homossexualidade e bandeira LGBTQIA+ galgando orgulho de si, ambos, porém, lutam contra um mesmo opressor: a virilidade como forma de exaltar a masculinidade e a detenção do poder hegemônico do homem.

## **5.1 Dilemas Contemporâneos do Desejo**

A cultura da virilidade acompanhou todos esses momentos da história, e permanecerá por séculos ainda. Apesar de a “Revolução Sexual” ter sido uma fase

bastante expressiva e de libertação, algumas marcas culturais ainda são sombras dessas bandeiras de luta. O homem desenvolveu com o tempo o papel de provedor, trabalhador, pai de família e macho. A palavra “macho” aqui não está como designação do gênero sexual, mas carrega em si, uma bagagem enorme de significações e ressignificações ao longo do tempo que estão intimamente atrelados à virilidade.

O gênero feminino, como conta a história, sempre foi encarado como inferior na maior parte dos sistemas culturais, seu desejo era ainda mais reprimido, e restavam apenas o papel de dona de casa, mãe e esposa. As características ligadas ao feminino eram vistas de forma negativa. Assim, o fato de um homem expressar um viés “feminino” do ponto de vista do julgador, com gostos, gestos e expressões atreladas à feminilidade, era – e ainda é por uma parcela da sociedade - considerado o verdadeiro significado de abominação.

Isso implica o tabu da feminilização, sacrilégio do masculino, isto é, do princípio dominante, que está inscrito na relação homossexual (...) e levam por vezes a extremos a afirmação da virilidade em sua forma mais comum, sem dúvida em reação contra o estilo ‘efeminado’[...] (BOURDIEU, 2014, p. 166-167).

O desejo homossexual era duplamente negado e não ia ao encontro de nenhum dos parâmetros estabelecidos pela religião ou Estado (economia, cultura e meio social). Estes sujeitos na “Era de Repressão” corriam risco de vida caso expressassem o desejo em si, eram excluídos de grupos sociais, muitos até eram internados em alas psiquiátricas ou sofriam algum tratamento religioso que visava controlar tais sentimentos a fim de cessá-los.

Assim, por uma questão de sobrevivência e também de aceitação de ideal, o homem que possuía virilidade aflorada e auto declarada por meio de comportamentos hostis, grosseiros e outros demais aspectos machistas, eram vistos como modelos de masculinidade. A hegemonia do poder viril estava contextualizada a partir da força física, firmeza moral e potência sexual. (FOUCAULT, 1999).

Os homossexuais então, não tinham outra opção senão as ocultações – sob disfarces sociais e comportamentais, ou estariam fadados ao vexame e escanteio social do meio. Dessa forma, os moldes dos indivíduos e sua forma de viver, bem como sua forma de se comunicar e a quais discursos aderem, refletem na impressão e pressão social externa. Assim, há a construção de uma sexualidade considerada

legítima, enquanto recomenda-se que as “ilegítimas” “vão incomodar noutra lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas”. (FOUCAULT, 1999, p.09).

O surgimento do aplicativo Grindr modificou totalmente a forma de conectar ou conhecer alguém da comunidade LGBTQIA+ atrelada às mudanças oriundas do surgimento da cibercultura. O histórico das relações homo afetivas, marcado por preconceitos, ataques, banalização e definições patológicas no passado, abriram espaço para uma plataforma inserida no ciberespaço que conecta homens gays no mundo inteiro.

Antes, os homens que frequentavam os subúrbios, ou espaços *undergrounds* nos grandes centros urbanos, em bares ou boates gays, agora conseguem na praticidade dos cliques, conhecer outros homens próximos por meio do artifício da geolocalização que os aplicativos oferecem. Uma maneira prática e ágil de realizar desejos e buscar parceiros.

A vida e cotidiano desses homens passou a ser mais aberta, diante das bandeiras e lutas travadas ao longo do tempo, os homens homossexuais saíram do armário, um fenômeno denominado pelos norte-americanos como “*came out*”. Porém, essa abertura ainda reserva alguns tabus e rastros socioculturais ligados à virilidade e ao machismo, que são sustentados pelo *ethos* por meio do discurso.

Diante de um cenário ainda regado pela cultura do machismo, muitos homens ainda se veem em constante embate por aprovação e vítimas de um senso comum, reféns ou militantes das “regras do jogo” abordada no capítulo anterior, em que as disputas discursivas do aplicativo servem de marketing para si.

Mesmo diante de um amplo espaço de fala virtual, o surgimento de aplicativos de relacionamento como o Grindr não foram suficientes para desconstruir a ideologias da virilidade, nem os costumes, comportamentos e discursos tendem a persistir e se reproduzir em um espaço que deveria ser inclusivo e libertador para essas pessoas.

Carvalho (2012) denomina esse padrão como “heteronormatividade misógina”, que é um modelo perpetuado com base no padrão sexual binário que se opõe e limita o contexto da sexualidade, teoria discutida em “epistemologia do armário”. (SEDWICK, 1991).

De acordo com Bourdieu (2014, p.166), “alega-se, então, explicitamente a ‘discrição’ ou a dissimulação a que ele é ordinariamente obrigado a se impor”, como

uma característica positiva. O masculino e viril tornam-se um combo valoroso, enquanto o que remete ao feminino recebem tons negativos.

Diante do cenário instantâneo, quem absorve as dicas de vivência no campo cibernético, adquirindo a linguagem e compreendendo quais moldes são mais bem aceitos, conseguem êxito facilmente, e agregam em si um *ethos* valoroso, mercantil e apressado. Esse cenário passa a ser o contexto das trocas, interações de um sistema extremamente capitalista e com sede de prazer.

Para sustentar com dados as teorias trabalhadas até o momento, uma análise quanti-qualitativa foi levantada e aplicada no contexto geográfico da cidade de Maceió, Alagoas. O intuito da análise é de perceber na prática quais formações discursivas estão presentes nas enunciações utilizadas no aplicativo Grindr e, de que forma essas FDs conversam com uma abordagem de hiper valorização ou não da cultura da virilidade.



## 6 METODOLOGIA

O aplicativo Grindr é o objeto de estudo proposto para análise na temática escolhida. Por se tratar de um meio para encontros e interações feitas em uma plataforma digital, os indivíduos criam perfis com diversas informações na tentativa de gerar interesse nos outros usuários na busca pelo parceiro ideal, bem como, transmitir por meio do discurso, significações de uma imagem de si mesmos.

A princípio foi pensado de que forma seria realizada a coleta de dados dos usuários do aplicativo e definiu-se que seria por meio de *prints* dos perfis da tela dos *smartphones*, no geral, dois prints por perfil: um da apresentação pela foto e o segundo com as descrições e informações diversas sobre o usuário. Mas, existiam outros fatores que dificultaram o processo, uma vez que havia uma grande quantidade de perfis anônimos, que não possuíam foto ou nome para diferenciá-los dos demais.

Desta forma, foi preciso adquirir a versão *premium* (XTRA) do aplicativo para que fosse possível ter acesso à ferramenta de “favoritos” ilimitados, ou seja, que possibilita favoritar quantos perfis fossem necessários, o que serviria para marcar os perfis anônimos colhidos para que não se repetissem durante a coleta. O artifício é disponível apenas para quem possui conta paga na plataforma no valor de R\$ 31,99 mensal.

Ao favoritar um perfil, automaticamente aparece o símbolo de uma estrela no canto superior direito na interface do perfil do usuário, tanto em seu formato externo, onde há a lista completa dos usuários como, também, interna, quando o perfil é aberto e apresenta todas as informações pessoais. Esse procedimento não evitou que perfis diferentes criados pelo mesmo usuário fossem ambos computados, mas evitou que o mesmo perfil fosse computado mais de uma vez.

A coleta foi realizada durante 14 dias, do dia 10 ao dia 23 de abril de 2018. As imagens (*prints*) foram coletadas diariamente dentro do prazo estabelecido e organizadas em pastas referentes a cada dia. Ao todo, 2.370 perfis foram coletados e posteriormente analisados quanti-qualitativamente.

Após coletar todos os dados dentro do período estipulado, foi a vez repassar todas as informações obtidas através dos *prints* para uma tabela no *software* Excel. Na tabela, cada tipo de informação como nome, foto, idade, “sobre mim”, altura, peso, etnia, porte físico, identidade de gênero, pronomes, posição sexual, tribo, “eu

sou”, “em busca de”, teste de HIV e redes sociais foram separados por colunas para que as informações de cada perfil fossem inseridas de forma organizada.

Em seguida, foi a vez de rodar e calcular os dados obtidos para uma análise quantitativa. Para isso, algumas das categorias descritas acima, como as fotos dos perfis, receberam atribuições diferentes, além de apenas constatar se há ou não presença de imagem, mas de agregar uma função qualitativa a elas.

Foram pensadas as seguintes categorias para análise da fotos: R – Rosto (apenas o rosto é evidenciado na imagem); RT- Rosto Tampado (fotos em que o corpo aparece e o rosto tampado com algum acessório ou figuras virtuais por cima, a exemplo, *emoticons*); PC – Parte do Corpo (partes como, por exemplo: peitoral, pernas, braços, pescoço e etc.); C – Corpo (fotos em que só aparece o corpo, sem rosto ou com a foto cortada na parte do rosto); CC – Corpo completo (quando a foto mostra o indivíduo completo, dos pés à cabeça, sem nenhuma censura); DC – De Costas (independente se apareçam partes ou o corpo completo mas virados de costas); P – Paisagem (qualquer foto que seja ilustrativa, paisagens, *flyers*, mensagens e etc); e F – Fakes (Imagens de pessoas públicas famosas, atores, cantores, entre outros).

Outra variante também foi discutida sobre a questão que envolve os nomes dos perfis, bem como, os símbolos e signos contidos no mesmo. Por exemplo, o *emoticon* (símbolo) do coração. Na coluna de "nomes", o referido símbolo era inserido da seguinte forma: Ex. [fig. coração]; utilizando os colchetes para saber que se trata de um símbolo, a abreviação “fig.” para evidenciar que existe uma figura contida no enunciado. O mesmo vale para os demais símbolos que ocorreram durante a coleta, em que foram criados nomes e organizados da mesma maneira.

Assim como os nomes dos perfis, a descrição – “sobre mim” – que é um dos espaços de expressão dos usuários no aplicativo, agrega diversos signos e emite um discurso que cria um determinado *ethos* discursivo para os demais usuários. Na maioria dos perfis, buscou-se termos-chave que denotassem aspectos comuns como, por exemplo, a palavra “sigilo”, ou mesmo frases como: “não curto afeminados”, que comunicam uma preferência e carregam bagagem cultural atrelada ao discurso de virilidade. Esses e outros termos foram levados em consideração para a análise qualitativa.

Os termos-chave compõem um discurso que faz parte de uma unidade transférica, e estão submetidos às regras de organização vigentes em um grupo

social, diálogos ou argumentação<sup>18</sup>. A isso, aplica-se também, a constatação dada por Maingueneau sobre discurso interativo, em que a enunciação se dá em função da atitude ou interpretação do outro, onde há efeito de percepção.

Deste modo, foi possível traçar e levantar informações consistentes e aplicar a análise de discurso por meio das narrativas encontradas nos perfis e na maneira como se constituem, além de constatar um padrão existente de enunciação pelos usuários que contribuem para a construção da imagem que fazem de si, o chamado *ethos*.

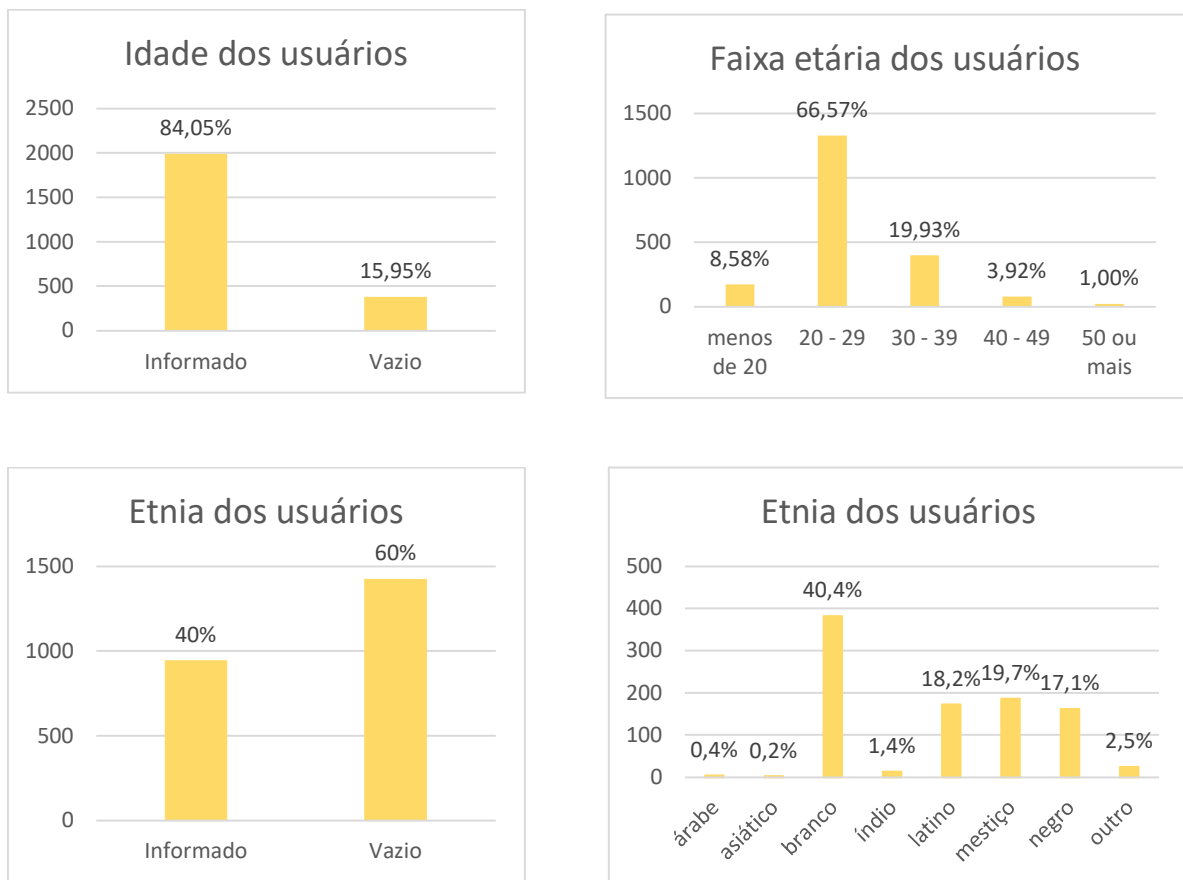
---

<sup>18</sup> Análise de Textos de Comunicação. Dominique Maingueneau, 2004;

## 7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maior parte dos usuários do Grindr em Maceió são jovens entre os 20 e os 29 anos. Pessoas acima dos 40 anos constituem menos de 5% dos usuários do aplicativo. No que diz respeito à etnia, apenas 40% dos usuários marcou alguma das opções. Dentre eles, a maior parte se auto identificou como branco.

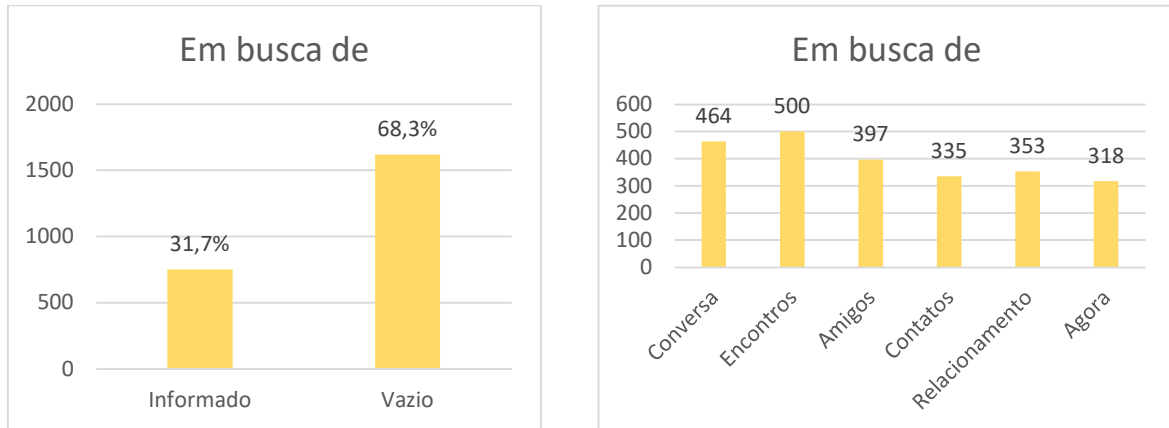
Gráfico 1 – Faixa etária e etnia dos usuários do Grindr em Maceió



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação ao que os usuários buscam no aplicativo, apenas 752 pessoas (31,7% do total) assinalaram ao menos uma das opções. Entre elas, as respostas mais frequentes foram encontros e conversas.

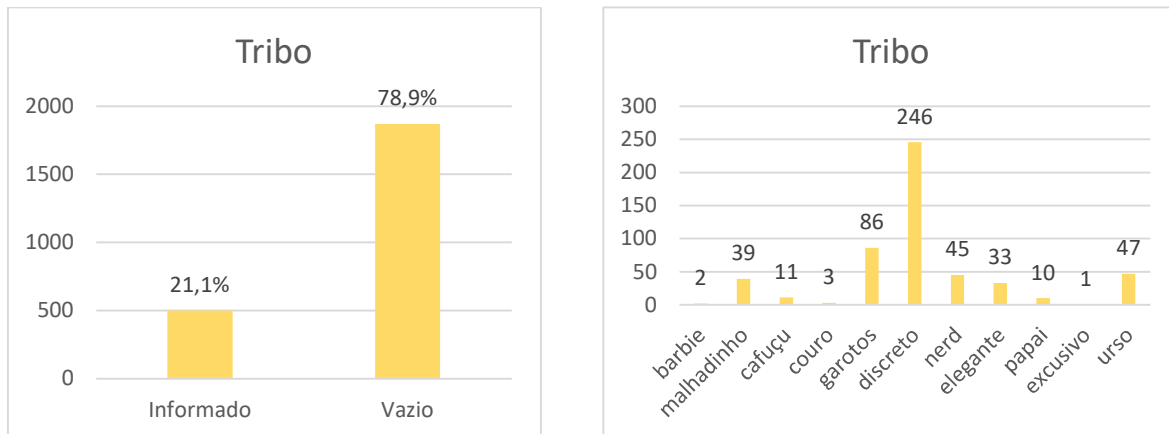
Gráfico 2 – “Em busca de” nos perfis do Grindr em Maceió



Fonte: Elaborado pelo autor.

Só 21% dos usuários que compuseram o corpus da pesquisa assinalou ao menos uma das opções na seção “Tribos”. A opção mais escolhida foi “discreto”. Como se ver ao longo da análise, o apelo a um léxico relacionado a sigilo e discrição e mesmo a escolha pela não identificação fotográfica são uma constante na forma de os usuários se inserirem nas redes do aplicativo.

Gráfico 3 – “Tribos” no aplicativo Grindr em Maceió

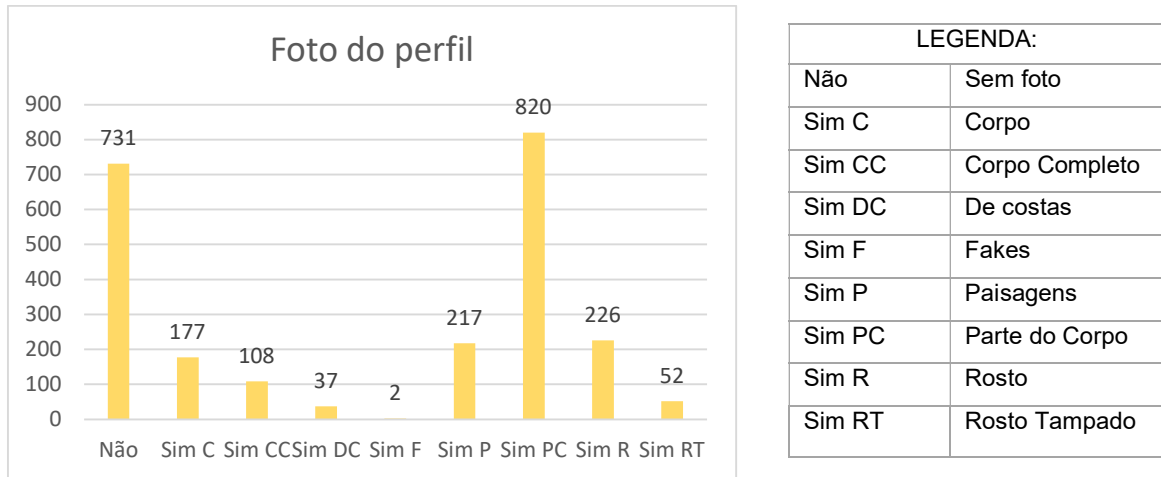


Fonte: Elaborado pelo autor.

Junto ao nome do usuário, a foto de perfil é o primeiro elemento de apresentação do indivíduo dentro da arquitetura construída pela maioria dos aplicativos de encontros. Illouz (2006) aponta que, apesar dos aspectos descorporificadores da internet, a aparência física adquiriu uma importância

pungente nas redes românticas virtuais, sendo a fotografia um dos principais elementos do mercado competitivo criado por tais aplicativos.

Gráfico 4 – A autorrepresentação dos usuários nas imagens de perfil em Maceió



Fonte: Elaborado pelo autor.

No universo do corpus pesquisado, de 2370 perfis, em apenas 14% deles (334) é possível identificar o rosto (226 imagens apresentam só o rosto e 108 mostram o corpo completo, onde o rosto é visualizado). Desse total, precisamos considerar que nem todas as imagens são necessariamente fotos do usuário em questão, uma vez que é comum o uso de imagens de celebridades ou apropriação de fotos de desconhecidos encontradas na rede. Isso nos permite afirmar que menos de 14% dos usuários do Grindr em Maceió se identificam visualmente nas imagens de perfil.

Em pesquisa sobre usuários portugueses do Tinder, aplicativo que não tem recorte de ser voltado especificamente para o público gay, Vieira e Sepúlveda (2017) constataram que em 14% dos perfis estudados, o utilizador optou por partilhar apenas imagens nas quais se encontra não identificável. Há, portanto, uma inversão clara em relação ao nosso resultado.

Na pesquisa portuguesa, a maioria dos usuários se identifica fotograficamente (apenas 14% se esconde), enquanto na nossa, tal identificação é bastante minoritária (apenas 14% se revela). As duas pesquisas apresentam variáveis distintas, como o próprio contexto regional. No entanto, o fator que mais parece explicar a diferença nos resultados é a orientação sexual dos usuários dos diferentes aplicativos.

A homossexualidade, mesmo no ambiente de um aplicativo voltado ao público gay, ainda aparece enquanto forma de socialização marginalizada. A vivência da homossexualidade deve ocorrer apenas no âmbito privado, assim como a identificação do sujeito enquanto homossexual.

Dessa forma, é muito comum que as descrições dos perfis tragam enunciados que sugiram que a troca de fotografias de identificação deverá ocorrer no âmbito privado, como nos casos a seguir: “Conversando... chamou manda foto que retribuirei da mesma forma.”, “Se não tem foto de perfil, manda antes de iniciar a conversa”, “Em busca de passivo! Adianta logo com foto de rosto; sem histórico” e “Curto ativos! Não afeminados! Manda foto! Retribuo se curtir!”.

Apesar de minoritários, há também os enunciados que contestam a lógica tácita da comunidade de só partilhar fotos identificadoras privativamente, como no caso do usuário que escreveu “me dê um motivo pra eu te levar a sério se você se esconde atrás de um perfil sem foto”.

Sobre o contingente que possui alguma foto no perfil, a categoria “Sim PC” (Parte do Corpo) é a mais utilizada pelos usuários, totalizando 820 indivíduos, ou 34% dentre as oito categorias analisadas. Juntamente com a categoria “Sim C” (Corpo), os usuários apresentam uma regularidade no estilo/pose de fotografias, evidenciando determinadas partes do corpo: a parte frontal do tronco com peitoral, abdômen e bíceps à mostra.

The norm of using a shirtless profile picture also promotes an environment that excludes those who do not fit certain notions of masculinity. These shirtless profiles are often accompanied by statements indicating the users want to meet only “fit” individuals. (CONNER, 2018, p.8).<sup>19</sup>

Outra especificidade encontrada em alguns casos é utilização de fotos que apresentam uma ligação com o meio esportivo, pelo fato de aparecerem vestindo camisas de time de futebol, quimonos de lutas marciais ou com roupas de academia. Alguns tinham fotos usando chuteiras ou em cima de bicicletas que condizem também com uma versão que associa o perfil à uma identidade viril esportista.

---

<sup>19</sup> A norma de usar foto de perfil sem camisa também promove um ambiente que exclui quem não se enquadra em certas noções de masculinidade. Esses perfis sem camisa costumam ser acompanhados por declarações indicando que os usuários desejam conhecer apenas indivíduos “em forma”. (Tradução nossa).

Vigarello (2013) afirma que durante o século XIX, a sistematização do esporte provocou sentimentos imediatos: o prazer provocado, o esforço, a beleza, seja dos gestos, seja dos corpos. Além disso, as práticas geralmente estavam associadas à força, coragem e dominação.

Referências precisas estão subjacentes a esses prazeres: uma maneira de valorizar a atividade, distinguir qualidades físicas, associar qualidades morais, instalar superioridades. “Ascendências” ligadas ao homem, ator dominante desse primeiro universo. Isso torna os valores alcançados muito particulares: somente os “homens verdadeiros”, somente os que sabem lutar física e moralmente poderiam ser “verdadeiros esportistas”. Apenas a virilidade poderia vencer. (VIGARELLO, 2013, p. 272).

O autor defende ainda que a construção da virilidade se dá também pela “instalação de um corpo viril” que se constitui em “jogo de força, músculos fortes e visíveis: a virilidade seria o agente primordial”. (VIGARELLO, 2013, p.272). Citando Pierrefeu (1929), Vigarello destaca esses corpos viris como um estado “transfigurado pelo esforço”.

No início do século XX, a atitude do lutador com o “torso inflado” passou a ser a pose que todo desportista fotografado adotava. Alega-se que, o “retrato obrigatório” era: “braços nas costas, peito estufado, queixo levantado”. Esse tipo de foto, com os “peitos proeminentes”, também ocupava grande parte das páginas dos jornais em anúncios de encontros. A demonstração de força é a prioridade, deve ser exposta ou pelo menos imaginada. (VIGARELLO, 2013).

Em outros casos, a virilidade tomou forma nos uniformes de polícia ou militares do exército que também comunicam e aguçam um ideal viril. Como apresentado no início deste trabalho, o surgimento da internet e meios de comunicação acompanharam diversos processos socioculturais da humanidade. As guerras e conflitos civis fomentaram reflexões e óticas diferentes acerca da masculinidade. No caso das guerras, os corpos expostos faziam alusão às carnes na mesa de um açougue, ocasionando um período de aparente “fraqueza” do mito viril. (ANDOUIN-ROUZEAU, 2013).

A Primeira Guerra Mundial foi um desses períodos de reinvenção do chamado “militar-viril”, em que a imagem trágica dos corpos mutilados pela guerra gerou um período delicado para o *ethos* militar. (ANDOUIN-ROUZEAU, 2013). Mas, isso não



foi o suficiente para que perdesse o valor que ao longo dos séculos foi se enraizando.

O estereótipo, no decorrer do período de fogo e pólvora, se manteve revisitado particularmente pela hipertrofia dos músculos, o endurecimento dos traços do rosto, a energia das posturas (ANDOUIN-ROUZEAU *apud* CHAPOUTOT, 2013). Além disso, a morte era encarada como uma questão de honra e fortalecimento do espírito viril. Comunistas ou nacional-socialistas passaram a exaltar estereótipos reinventados e fortaleceram novamente um mito “militar-viril” repaginado. O domínio da dor e do sofrimento perante a morte foram exaltados e dignificados. Não à toa, esse mesmo estereótipo é visto na contemporaneidade como perfil heroico e lota salas de cinemas com temáticas de guerras nos filmes, enaltecendo a bravura e coragem dos soldados.

Esse mesmo *ethos* percorre as veias sociais e atinge núcleos específicos de interação e sociabilidade das pessoas, principalmente o valor que aquele tipo de imagem simboliza. Dessa forma, a presença de tais perfis com essa estrutura, carregam uma bagagem de hipervalorização de um passado reinventado para a virilidade, prevalecendo o valor do “militar-viril” hipersexualizado.

A instrução militar, o treinamento dos soldados do século XX, de uma dureza muitas vezes impiedosa para a “virilização” dos soldados ao força-los – por pressão do enquadramento, pressão do grupo, pressão também sobre si mesmo – a interiorizar o conjunto de gestuais e das representações de si, dos outros, das mulheres que estrutura o *habitus* milita-viril. (AUDOIN-ROUZEAU, 2013, p.247).

Assim como nos esportes, a guerra também era registrada e acompanhada por fotógrafos. Nessa época, acredita-se que havia uma relação soldado-arma, como se ambos fossem apenas um. As fotografias vestindo o uniforme, segurando uma arma era, e ainda é, comum nas redes sociais.

A arma com a qual os muito jovens combatentes dos conflitos de “baixa intensidade” gostavam tanto de se exibir diante dos fotógrafos, constitui nesse ponto um símbolo desprovido de qualquer ambiguidade. Entre o pênis masculino e o canhão de arma, a porosidade se estabelece por vezes tão facilmente que ela pode ser valorizada pelo comando; A arma significa o poder, e o porte, uma ereção contínua. (AUDOIN-ROUZEAU, 2013).

O mesmo parece se reproduzir no século XXI, a herança viril ainda permeia em todos os meios sociais e impõe um *ethos* hipersexualizado do mito viril, principalmente em aplicativos de paquera como o Grindr, em que o contexto de aparência significa um valor à imagem.

Hypersexualised Grindr users are assumed to be attempting to attract men who are interested in fleeting sexual encounters. Conversely, lifestyle masculinities are produced through pictures where bodies are given some context (e.g. a beach, a bar, or music event). These places have significance to the image as they work to produce specific performances of gender. (BONNER-THOMPSON, 2017, p.1613).<sup>20</sup>

Nota-se então que em ambos os segmentos, o mesmo padrão de corpos e *ethos* viris são exaltados e, portanto, reproduzido nas fotos escolhidas dos perfis. Assim como, todo estereótipo que alimenta as imagens de um homem viril, seus comportamentos, gestos, aparência e até mesmo a maneira como se expõem constituem a virilidade em suas imagens.

I situate Grindr as a phenomenon within the gay-life world (Humphreys 1972; Warren 1974; Weinberg and Williams 1974) that shapes and is shaped by preexisting off-line interactions. Grindr does not exist in a vacuum; it is thus informed by prevailing notions of beauty, identity, and interaction. (GOTTSCHALK e WHITMER, 2016; HOGAN, 2010, *apud* CONNER, 2018, p.3).<sup>21</sup>

Muitas dessas imagens também criam elo com o que é escrito na seção “Sobre Mim”. Descrições como: “gosto de caras mais macho e rústico”; ou “tipo magro, atlético”, sustentam e criam legendas imagéticas para as fotografias que formulam determinadas imagens de si.

Nesse contexto, Miskolci (2017) explica que a musculação, práticas de esportes e o consumo de suplementos alimentares se associam ao uso dos bate-papos, sites de busca de parceiros e aplicativos para a criação de contatos

---

<sup>20</sup> Supõe-se que usuários hipersexualizados do Grindr estão tentando atrair homens que estão interessados em encontros sexuais fugazes. Por outro lado, masculinidades de estilo de vida são produzidas por meio de imagens onde os corpos recebem algum contexto (por exemplo, uma praia, um bar ou evento musical). Esses lugares têm significado para a imagem, pois trabalham para produzir performances específicas de gênero. (Tradução nossa).

<sup>21</sup> Eu situo o Grindr como um fenômeno dentro do mundo da vida gay (Humphreys 1972; Warren 1974; Weinberg e Williams 1974) que molda e é moldado por interações off-line preexistentes. O Grindr não existe no vácuo; é, portanto, informado por noções prevaletentes de beleza, identidade e interação. (Tradução nossa).

amorosos e/ou sexuais, como é o caso do Grindr; e que essas tecnologias corporais e de comunicações se fundem como verdadeiras tecnologias de gênero acionadas para encarnarem a heterossexualidade gerindo a invisibilidade de suas relações com outros homens.

Assim, como explica Bonner-Thompson (2017), quando a imagem é carregada nos espaços dos perfis do Grindr, ela se torna culturalmente reconhecida como erótica. Portanto, as maneiras pelas quais as masculinidades são incorporadas no digital não se mapeiam perfeitamente nas identidades materiais. Em vez disso, eles assumem novos significados que são produzidos pelas instabilidades das dicotomias on-line e off-line. Essa é uma das maneiras pelas quais os corpos se tornam digitais.

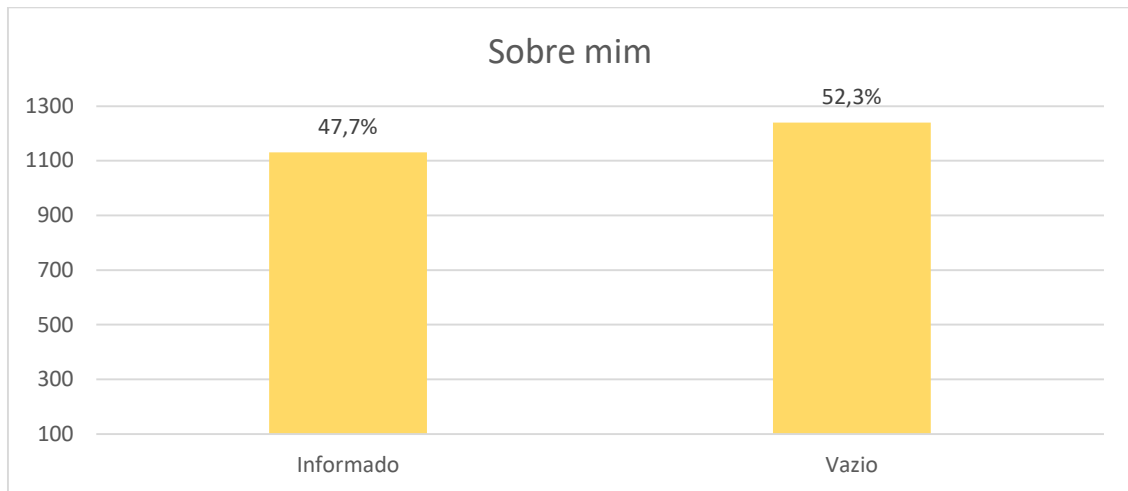
In an image of a torso with no background or recognizable geographical context, the exposed skin becomes the site of importance. As offline places and contexts are not visible, the body is the site through which gendered and sexualised discourses emerge, rather than a constitution of flesh, objects, places and 'things'. (BONNER-THOMPSON, 2017, p.8).<sup>22</sup>

Além disso, tal comportamento é consequência do contexto em que os indivíduos estão inseridos e a herança cultural que se mantém impregnada nas memórias sociais como, por exemplo, a pandemia do HIV no mundo. Isso evidencia que, pelo fato dos LGBTQIA+ estarem associados ao surto, muitos buscam se expor de tal maneira a parecerem saudáveis, ou melhor, "sarados" e que, por isso, muitos perfis exibem seus corpos com fotos do torso para ganhar visibilidade prestigiada (MISKOLCI, 2017). Vale ressaltar que este é apenas um exemplo de um contexto mais denso e amplo que explica a constituição do *ethos* que hipervaloriza os corpos, sexo e a hegemonia heterossexual.

---

<sup>22</sup> Em uma imagem de um torso sem fundo ou contexto geográfico reconhecível, a pele exposta torna-se o local de importância. Como os lugares e contextos offline não são visíveis, o corpo é o local através do qual os discursos de gênero e sexualidade emergem, ao invés de uma constituição de carne, objetos, lugares e "coisas". (Tradução nossa).

Gráfico 5 – Sobre mim: a construção do ethos discursivo



Fonte: Elaborado pelo autor.

Entre os 2370 perfis de usuários pesquisados, pouco menos da metade (1131) escreveu algum texto na seção “Sobre mim”. O texto publicado nesse espaço é normalmente resultado de uma negociação entre a publicização de características pessoais que o usuário entende como definidoras de si (gostos, preferências sexuais, traços de personalidade, etc.) e a construção de um eu que seja competitivo o suficiente num mercado em que o usuário está em disputa direta com outros por atenção e interesse. “O processo de busca de um parceiro na rede é, ao mesmo tempo, a conjunção de um subjetivismo intenso – que assume uma forma psicológica – e de uma objetificação do encontro, através da tecnologia e da estrutura de mercado do site”. (ILLOUZ, 2006, p. 114).

É dessa negociação entre subjetividade e objetificação que surge o *ethos* do usuário, que é a imagem de si que ele, enquanto enunciador, constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu enunciatário. A seguir, listaremos os discursos mais frequentes na construção do *ethos* discursivos nos perfis pesquisados.

### **Sigilo absoluto**

Em 165 perfis pesquisados, os usuários colocaram de forma explícita nos textos de “sobre mim” marcas lexicais que se associam à ideia de sigilo e discrição.

Se considerarmos o universo dos 1131 usuários que digitaram algum texto nessa seção, vemos que o discurso está presente em 14,6% deles.

Além disso, como mencionado nos resultados sobre as fotos de perfil dos usuários, a não utilização de fotos também expressa um significado que está atrelado à busca por sigilo ou discrição e omissão da identidade, que corresponde a 731 perfis, ou 30% do total. Grande parte desses perfis sem fotos carregam em si o receio de serem descobertos ou mesmo de não quererem estar associados a um aplicativo do universo LGBTQIA+.

Muitos desses perfis que não possuem conteúdo fotográfico, deixam o perfil inteiro em branco ou, em alguns casos, assinalam apenas a categoria “discreto” na seção “tribo” dos perfis. Do total analisado, 499 usuários responderam a seção de “tribos”. 246 responderam a seção selecionando a categoria “discreto”, ou seja, além da expressão dos termos utilizados no campo “sobre mim” do aplicativo, e da não utilização das fotos ou apenas fotos com partes do corpo, parte dos usuários também expressam a mesma intenção de forma direta ao selecionar essa categoria. Essa parcela corresponde a 49% dos perfis que responderam a seção.

Esses elementos são fragmentos e compõem o imaginário, formando-se um conjunto que comunica uma imagem de si como é o caso do perfil a seguir: “Só curto na baixa, com caras não afeminados e fora do meio LGBT”. Miskolci (2017) também associa tais discursos com uma visão “fora do meio LGBT” como consequência de processos discriminatórios sofridos na qual a comunidade enfrentou – como a pandemia da AIDS e outras ISTs, além do passado obscuro em que a homossexualidade era encarada como patologia ou desvio mental. No entanto, percebe-se também que os contextos desses indivíduos envolvem uma base conservadora e hegemônica.

O exemplo mencionado acima, que compõe um dos perfis analisados neste trabalho, é um modelo persistente dentro da análise qualitativa que fora elaborada: “só curto na baixa” ou “só sigilo”, exprimem o que Sedgwick (1990) entende como regime de visibilidade em que a homossexualidade se constituiu historicamente associada ao segredo e que, durante o século XX, existia uma demanda social pela invisibilidade dos homossexuais no espaço público, no trabalho e, principalmente, na vida familiar.

Outros casos encontrados foram: “Gosto de sigilo e discrição, nada exposto. A gente se dar bem entre 4 paredes fora dela dois amigos normais. Não sou

afeminado e gosto de homem sem frescuras”; “Curto tudo no sigilo sou totalmente discreto não curto afeminado”; “moreno sigilo, não curto afeminados, curto sem frescura uma boa sacanagem é sempre bem-vinda”; entre outros. Nota-se que, de fato, existe uma insistência para que o desejo não seja expresso de forma natural, mas sob regimes ou que a sexualidade desses homens não seja descoberta.

Há também os discursos que questionam a prática do pedido de discrição, mas eles são bastante minoritários. No universo pesquisado, encontramos apenas seis perfis que traziam na seção “sobre mim” esses contradiscursos, como no caso do exemplo a seguir: “Não quero fazer parte do sigilo absoluto de ninguém, obrigado”.

Pela abordagem qualitativa percebe-se que essa minoria está relacionada ao combo discursivo que contrapõe a busca pelo sigilo também pela expressão de sua identidade, utilizando fotos de rosto na apresentação dos perfis (Sim R) ou de corpo completo (Sim CC).

### **Não curto afeminados**

159 perfis trouxeram na seção “sobre mim” algum elemento discursivo de exaltação das representações hegemônicas de masculinidade e/ou desprezo a elementos que se associam a representações do feminino. Esse número representa 14,05% dos 1131 perfis que preencheram algo na seção. “Não curto afeminado e nem sou”, “homem tem que ser homem até em cima de outro”, “Não curto muito mais novos nem muito mais velhos, nem gordos ou caras com jeito de mulher.”, “Não fumantes; Não drogados; Não afeminados!”, são alguns dos exemplos de enunciados que trabalham com tais discursividades.

Assim como no caso dos discursos sobre sigilo, há também contradiscursos que buscam questionar a visão de mundo heteronormativa e a hierarquia masculino > feminino, mas eles também são minoritários. Nessa pesquisa, encontramos apenas quatro enunciados com esse tipo de contestação, como no exemplo a seguir: “Procuro sexo casual e alguém interessante. Não venha com papo de não curtir afeminado, negros, gordos e etc, não gosto de gente preconceituosa”.

The sociological significance of online dating apps lies in how users interact in pursuit of social networks be they platonic, romantic, or

even sexual contact. Such pursuits can reveal how new technologies are used either as a mechanism for change or in ways that reproduce the social world (RUDDER, 2014, *apud* CONNER, 2018, p.1).<sup>23</sup>

Durante a análise, também foi possível encontrar discursos que repreendem moldes na forma de se comunicar, como sendo provenientes de marcas lexicais feminina, logo, menos valoroso, como a descrição: “Não comece com "oiiii" ou "oiieeee", nem "Oláaaa"; tenha fotos ou mande no primeiro contato... Não falo necessariamente foto de rosto, pode mandar nudes”. O “Oi” aqui é encarado como uma característica feminina, uma vez que, “homens de verdade” não se expressam dessa forma e nem repetindo tantas vogais para dizer um simples “E aí” (que seria o ideal para os usuários que repudiam essa linguagem).

Pode-se observar também que parte dos discursos adotados pelos usuários envolve frases em que o que é feminino e exposto são negados a todo custo. Entende-se então que ambos estão associados e por isso é encarado como indesejado. Estar em sigilo para esses usuários significa não ser exposto ou posto a público, logo, o parceiro idealizado não pode chamar atenção e, em uma sociedade ainda regada de tabus acerca da masculinidade e modelos viris, ser um modelo de masculinidade com comportamentos evidentes ao do universo dito “feminino”, seria como um sinalizador de algo controverso e, portanto, chamaria atenção de maneira negativa. Tudo para a constituição de uma imagem positiva de si em que a homossexualidade não agrega, pelo contrário, põe em risco suas masculinidades.

Dessa maneira, obtém-se o “modelo ideal” que no campo da sedução digital homossexual é o mais procurado. E assim, Miskolci (2017) em suas análises declara que os poucos que se aproximam do ideal tendem a se relacionar entre eles seguindo a dinâmica de uma sociedade historicamente classista e que, na era das relações em rede, encontra um aliado tecnológico para reforçar o fechamento e exclusividade de seus estratos mais altos.

O ideal, no entanto, nem sempre parece ser palpável. Essa busca incessante é motivo de reclamação para duas parcelas dos usuários: aquela que não busca se integrar ao modelo estabelecido nem exaltar um *ethos* viril: “Tenha um pouco de caráter e mostre quem és... Não use fotos de outras pessoas. Não se torne uma

---

<sup>23</sup> O significado sociológico dos aplicativos de namoro online reside na forma como os usuários interagem em busca de redes sociais, sejam elas platônicas, românticas ou até mesmo sexuais. Essas buscas podem revelar como as novas tecnologias são usadas como um mecanismo de mudança ou de formas que reproduzem o mundo social. (Tradução nossa).

pessoa digna de pena. Estamos todos num app de sexo gay, então... Somos todos iguais e deixem de ser hipócritas! Vamos conversar?"; E aqueles que se apresentam e assumem o discurso viril para a criação da imagem de si, porém não encontram semelhantes. Uma problemática que tem uma tendência unanime dentro do aplicativo: "Macho discreto e bonito em busca do mesmo. Não curto afeminados. Só no sigilo."

Cultural commentators, sociologists, and others have argued that marginalized groups tend to reproduce, within their own communities, divisions that exist in the larger societal framework (I found, as in some other studies of gay online spaces, that Grindr users often express themselves in hypermasculine ways and denounce more feminine gender expressions, younger users often engage in ageist expressions, and White users make discriminatory racial remarks. Thus, apps like Grindr reproduce a heteronormative worldview, creating a hierarchy based on body type, race, and age, while claiming to make strides toward furthering the goals of the LGBTQ+ movement. (BARRETT e POLLACK 2005; MOROZOV 2011, *apud* CONNER, 2018, p.3).<sup>24</sup>

O exemplo a seguir segue exatamente a tendência que comentamos acima: "Ta em busca de machão tipo hetero vire uma mulher que você achará um homem, aqui é homem com homem 'resumindo gays' não importa se você é discreto ou não, você não deixa de ser gay... povo cheio de frescura com e discreto ou não affz Obs: sou discreto". Miskolci (2017) alega que as reclamações dos usuários sobre os meios digitais de busca por parceiros parecem paradoxais já que, a despeito das críticas e relatos das dificuldades em encontrar alguém como se procura, a grande maioria nem pensa em abandoná-los.

No exemplo exposto, é possível ver que o usuário nitidamente expressa descontentamento no seu discurso com o padrão que é imposto dentro do aplicativo e, logo ao final, se auto declara "discreto", se integrando exatamente naquilo que acabara de se queixar.

---

<sup>24</sup> Comentaristas culturais, sociólogos e outros argumentaram que grupos marginalizados tendem a reproduzir, dentro de suas próprias comunidades, divisões que existem na estrutura social mais ampla (descobri, como em alguns outros estudos de espaços online gays, que os usuários do Grindr costumam se expressar formas hipermasculinas e denunciam expressões de gênero mais femininas, usuários mais jovens costumam se envolver em expressões etárias e usuários brancos fazem observações raciais discriminatórias. Assim, aplicativos como o Grindr reproduzem uma visão de mundo heteronormativa, criando uma hierarquia baseada no tipo de corpo, raça e idade, enquanto afirmam dê passos largos em direção aos objetivos do movimento LGBTQ+. (Tradução nossa).



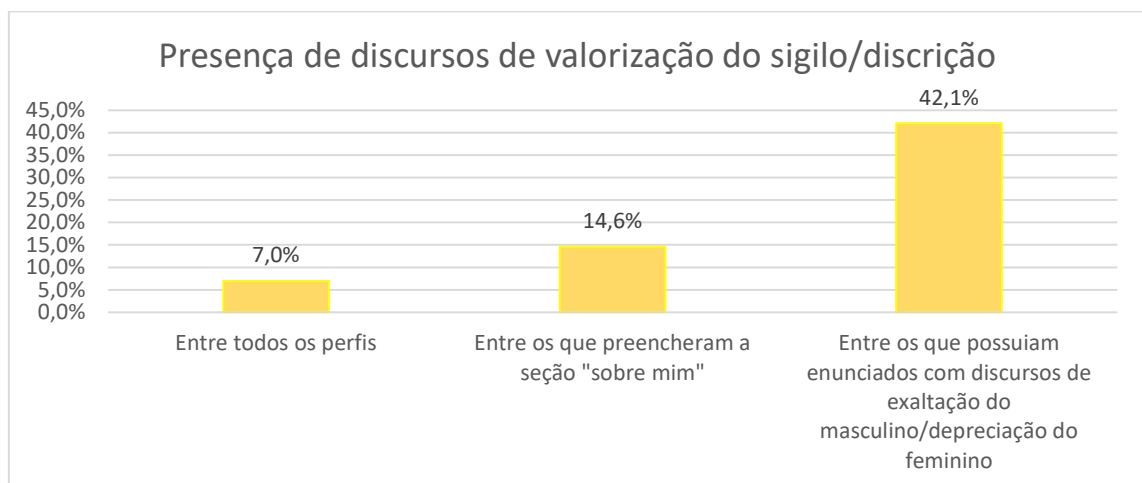
## O combo discursivo: a vivência conservadora da homossexualidade

Um achado interessante da pesquisa é que os discursos sobre sigilo e discrição e aqueles de exaltação do masculino/depreciação do feminino aparecem constantemente juntos nas descrições do “sobre mim”, formando um combo discursivo que se inscreve numa formação discursiva de uma “homossexualidade conservadora”.

A existência desse combo discursivo pode ser verificada também através de dados quantitativos. 67 dos perfis pesquisados trouxeram enunciados conectados a ambos os discursos. Ou seja: se entre o número total perfis que preencheram a seção “sobre mim”, 14,6% traziam algum discurso de valorização do sigilo/discrição, esse percentual sobe para 42,1% quando recortamos apenas os perfis que trazem discursos de exaltação do masculino/depreciação do feminino.

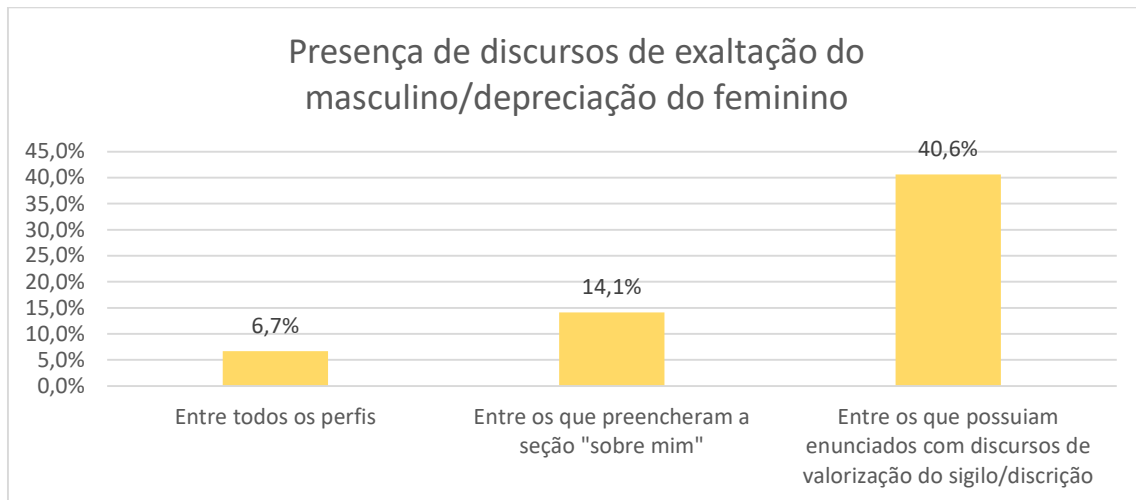
O mesmo ocorre no sentido contrário: Se entre o número total perfis que preencheram a seção “sobre mim”, 14,1% traziam algum discurso de exaltação do masculino ou depreciação do feminino, esse percentual sobe para 40,6% quando recortamos apenas os perfis que trazem discursos de valorização do sigilo/discrição. Ou seja, há uma forte associação entre ambas as variáveis.

Gráfico 6 – Presença de valorização do sigilo



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 7 – Presença de discursos de exaltação do masculino



Fonte: Elaborado pelo autor.

Entendemos que esse combo discursivo integra uma formação discursiva de uma homossexualidade conservadora, na qual a performance de gêneros deve ser muito bem demarcada, a inferiorização e opressão do feminino que caracteriza a sociedade patriarcal é reproduzida (num movimento paradoxal, uma vez que os valores da sociedade patriarcal e heteronormativa são responsáveis pela opressão do próprio público em questão – os homossexuais), e que acredita que uma orientação sexual não hegemônica deve ser vivida apenas na esfera privada.

Alguns exemplos de enunciados que trabalham com esse combo discursivo são: “Sou discreto, tenho um relacionamento e procuro pessoas discretas e sem afetações”, “Curtição com muito sigilo; Coisa de macho com macho” e “Militar, sigilo, não curto assumidos e nem afeminados. Nada contra. Só fala se for macho de verdade. Obs.: tem que ter beijo, ou não rola”; “Só curto na baixa, com caras não afeminados e fora do meio LGBT”; “Curto punhetagem com outro cara.; Sou casado e dote de 21cm”.

Por outro lado, a exaltação desse combo parece receber feedback positivo por outros usuários: “Cara 100% macho, bonito e sigiloso. Prefiro caras casados, noivos ou Bi. Não mando foto de rosto. Não tenho local”. Essa descrição também evidencia o apelo pela não exposição de fotos e rostos (identidade). “Comprometido. Devido à má índole de alguns, fotos de rosto sou recíproco”; “Sou casado. Fotos de rosto não rola. A procura de machos para suruba. Só chame ou fale se curtir”; “A fim

de casados. Só caba macho; Sem pressa pra nada”, são outros exemplos encontrados.

Alguns desses indivíduos apresentam uma dualidade na maneira como se apresentam, principalmente aqueles que buscam suprir seus desejos ocultos de forma sigilosa, seja porque são casados, temer algum tipo de opressão, ou ainda por se sentirem superiores ao apresentar uma abordagem viril. Resumidamente, uma separação entre as experiências sexuais e a identidade do indivíduo.

This argument is used as evidence that we live in a post-gay era, which is the idea that one can separate his or her sexual identity from other aspects of his or her life; sexuality, they propose, is no longer a defining characteristic of one's life. (GHAZIANI, 2014, *apud* CONNER, 2018, p.3).<sup>25</sup>

Da mesma forma que as FDs acontecem no mundo off-line, o on-line herda essa herança social. Os debates migram para o ciberespaço e os dilemas permanecem. O aplicativo Grindr, é uma oportunidade e tanto para todos aqueles que buscam dar vasão à sua sexualidade, principalmente porque através do aplicativo ainda pode-se resguardar aspectos identitários, como é o caso de indivíduos que não são assumidos publicamente ou que, de alguma forma, temem obter prejuízo no mundo off-line por conta da orientação sexual.

Esse estereótipo então, nada mais é do que um espelhamento do convencional, que abrange em si um *ethos* conservador, que sustentam as imagens pela tradição do padrão “heteronormativo”, enquanto homens, viris. Miskolci (2017) em análise com usuários do Grindr, a fim de entender a problemática por trás desses vínculos, afirma:

O “passar por” se revela tão central na forma como lidam consigo próprios quanto na busca por parceiro, ou seja, eles querem continuar “heterossexuais” aos olhos da maioria pra evitarem serem apontados como homossexuais no espaço público, o que os tornaria totalmente vulneráveis a diversas formas de discriminação. (MISKOLCI, 2017, p.162).

Por fim, Miskolci alega que esses perfis conservadores, que tendem a ser mais “bem sucedidos” são os que efetivamente se engajam em relações com

---

<sup>25</sup> Esse argumento é usado como evidência de que vivemos em uma era pós-gay, que é a ideia de que se pode separar sua identidade sexual de outros aspectos de sua vida; sexualidade, eles propõem, não é mais uma característica definidora da vida de alguém. (Tradução minha).

mulheres na vida social e familiar e buscam restringir as relações com pessoas do mesmo sexo à vida íntima e secreta. Esse relativo dilema os coloca em dilemas morais e no “estresse” da gestão de dois relacionamentos que não podem se encontrar.

Essa aparência “hetero” é construída especialmente por uma performance de gênero heterossexual e pela simulação convincente de sinais de uma sociabilidade pautada pelos rituais amorosos com pessoas do sexo oposto. É importante sublinhar que o “passar por” não é uma opção, mas uma estratégia de sobrevivência em um contexto social hostil. (MISKOLCI, 2017).

No entanto, essa mesma estratégia de sobrevivência também se tornou padrão de busca valoroso nos aplicativos de *smartphones* que tem como intuito a relação sexual/encontros com pessoas LGBTQIA+. A necessidade de sobreviver ao meio social como alguém decente faz com que a própria comunidade LGBTQIA+ sucumba aos parâmetros estabelecidos pela hegemonia heterossexual, com aversão ao feminino e, por consequência, exaltação do machismo.

A seguir, um exemplo de como determinadas marcas lexicais geram valor e são utilizados para constituir uma imagem viril de si: “Tenho namorada, mas curto tudo, boa sacanagem! Não gosto de afeminado, tbm não sou”. Note que nessa apresentação, o indivíduo se apresenta como alguém que possui um relacionamento com o sexo oposto e, logo em seguida, afirma curtir tudo dentro de uma relação sexual com pessoas do mesmo sexo. Tais perfis que reproduzem esse estigma se aproveitam de uma herança sofrida e dolorosa e empobrecem o debate e desconstrução acerca do mito viril.

Pelo contrário, dentro de um contexto digital que deveria proporcionar, pelo menos em tese, um ambiente mais saudável e seguro para amantes do mesmo sexo, deparam-se então com as mesmas problemáticas exteriores do mundo off-line e, por vezes, são diminuídos pelos próprios participantes desse contexto. Dessa forma, o ciclo opressor se sustenta, assim como o mito da virilidade, mas, dessa vez, pelo próprio oprimido.

Medeiros (2017) discorre sobre essa apresentação heteronormativa em que, na própria definição de fachada goffmiana (referência aos pensamentos de Goffman), o autor fala em “termos de atributos sociais aprovados”, como se os sujeitos, durante a construção de sua fachada (entende-se *ethos*), estivessem mais preocupados em seguir normas sociais do que em resignificá-las ou rompê-las. O

sujeito goffminiano, nesse sentido, parece muito focado em regramento e preocupado na sua aceitação por parte do outro, o que poderíamos associar à produção de discursos dominantes.

### **O uso do imperativo: estratégia de poder e construção discursiva da masculinidade**

Durante a análise dos discursos, percebeu-se também um forte uso de verbos no imperativo nas descrições dos perfis. Ao todo, 417 usuários responderam a seção “Sobre Mim” contendo discursos imperativos, que correspondem a 34% do corpus que responderam a categoria.

Os tópicos anteriores deste trabalho produzem bases para a compreensão e a utilização de determinadas FDs. O desejo, a sexualidade, a vivência de ambos ainda carregam sentimentos controversos e desconfortáveis. A inibição de sentir prazer, principalmente na esfera sexual, é algo que impacta a vida dos usuários do aplicativo.

Para Medeiros (2017), nessas fachadas (perfis), circulam discursos, sobretudo relacionados à masculinidade hegemônica, os quais firmam quais homens ali são mais ou menos dignos de despertar a excitação e a atração alheias. Um leque de autoconstruções abre-se no Grindr antes mesmo de uma interação direta, que têm como extremos opostos o sujeito sigiloso e discreto versus o homossexual afeminado e “assumido”. O sujeito sigiloso aqui, refere-se ao “combo conservador” presente no aplicativo e debatido no tópico anterior.

Esse combo conservador explorado acima é fabricado em cima da utilização de estratégias de poder, o uso do imperativo nos discursos. O aplicativo Grindr se assemelha muito à lógica mercantil, de venda e compra de um produto e, nesse caso, a utilização de orações no imperativo fazem toda diferença na hora de ofertar o “produto” e fazê-lo atrativo suficiente para ser “consumido”. Esse comportamento faz alusão ao que Grohmann (2015) denomina de “cardápio humano”, evidenciado no capítulo sobre o contexto histórico da sexualidade.

Falar de discurso é necessariamente tratar de poder, uma vez que a produção discursiva é controlada, pinçada e organizada a partir de lógicas que estabelecem lugares de diferenças aos sujeitos. Pela ótica de gênero, homens heterossexuais estariam mais próximos do topo de uma escala de privilégios do que mulheres e

homens homossexuais, o que ocasiona uma série de práticas de dominação e violência para com grupos socialmente minoritários (MEDEIROS *apud* FOUCAULT, 1996).

Dessa forma, é importante compreender como o contexto histórico da sexualidade repercute e interfere na vida social mesmo após séculos. Discursos esses que foram alimentados ao longo do tempo por diversas instancias: o estado, a família, escola, igreja, trabalho, entre outros meios sociais. Como bem observa Medeiros (2017), ambas têm papel regulador, envolto por pressões e coerções que orientam autoritariamente as práticas dos sujeitos, incluindo as afetivo-sexuais, temendo opressão, tornam-se agentes opressores.

Medeiros (2017) explica que o legado desses discursos ainda repercute na atualidade. Visto como desviante, o homem que se relaciona com homem teria se rebaixado na escala hierárquica social por se submeter à suposta aproximação ao feminino. Essa valorização de masculinidade dominante aparece mesmo entre as pessoas homossexuais. Embora perpassada pela relação afetivo-sexual entre dois homens, ela deve ser viril, máscula, distante da feminilidade, não quebrando a divisão que afasta o que é ser homem do que é ser mulher.

Abordagens como: “Nem vem com enrolação. Ou é 8 ou 80”; “Funciona assim: oi ++++++ foto de rosto. é difícil? acho que não”; “Não converso com gente sem rosto. Não tenho saco pra punheta virtual. Não vou trepar com seu programa de photoshop. Vai na educação e na boa ou pula pro próximo por favor”; “Falou, manda foto, idade, altura, peso e o que curte. Não estou desesperado por sexo. Seja direto. Nem você perde o seu tempo nem eu perco o meu. Ok?!”; “Não vou te responder se não tiver nenhuma informação no seu perfil!!! Antes de pedir pra ver alguma foto, mande a sua, ok?!”; “Não fumantes; Não drogados; Não afeminados!”, são alguns dos exemplos de discursos imperativos encontrados na seção “Sobre Mim” dos usuários.

Tal enunciado vai em direção à ideia de que aprendemos nosso gênero a partir dos discursos dominantes: o homem não é naturalmente agressivo, másculo e ativo, na medida em que ele se torna portador dessas características ao interagir com outros sujeitos e ao ser influenciado por uma estrutura social. Há, desde a infância, a negociação, nem sempre pouco violenta, desses papéis que são atribuídos ao sujeito na hora em que seu sexo biológico é dito. (MEDEIROS, 2017, p.57).

Como já debatido, a comunicação nesse contexto exerce função primordial na construção da imagem desses indivíduos (constituição do *ethos*). No entanto, esses discursos podem ou não – na maioria das vezes estão – associados a alguma formação dominante e viril em sua forma de se expressar. Os atores sociais, por meio de instruções ou auxílios, sejam eles implícitos ou explícitos, oferecem e recebem sinais que guiam e contextualizam as interações. (BATESON, 2002).

Por fim, Medeiros (2017) alega que o cenário macro existe, mas ele não é gerador por si só de discursos normativos, pois, em um processo de retroalimentação, estrutura e interações, em nível macro e microsociológico, respectivamente, permitem que tais ideais sejam experienciados, enaltecidos e/ou negociados. Aqui pode-se frisar o caráter comunicacional que existe nos perfis: eles são criados pelos usuários do Grindr a partir das possíveis reações dos demais sujeitos. É nesse sentido que consideramos o aplicativo como um espaço de disputa, em que noções de masculinidades se chocam, mesmo que os usuários não dialoguem entre si necessariamente.

### **Linguagem hipersexualizada**

Uma linguagem que também se faz presente nos discursos observados é a da pornográfica e hipersexualizada dos corpos. 325 responderam a seção “Sobre Mim” com alguma conotação sexual, o que corresponde a 27% dos perfis. Isso sem considerar a utilização de fotos que recheiam e tornam os perfis ainda mais atrativos.

Esse percentual possui forma de se comunicar mais diretas e “sem enrolação”, como os próprios perfis anunciam. “O que curte? Tem nudes? Manda foto que retribuo”; chamou manda foto vou retribuir se for pra ficar enrolando nem chama passa pra outro to aqui pra fuder e ser fudido”; “Negro 21 cm de pau, super discreto!! Curto tudo de boa, porém não curto afeminados, nem acima do peso e nem muito acima da minha idade (tenho preferência pra galera da minha faixa etária - 20 a 30) mas n dispenso um coroa sendo massa!”, são alguns casos encontrados.

Conner (2018) argumenta que o Grindr é estruturado ou pré configurado para produzir performances hipersexualizadas e heteronormativas. E que, a interface do Grindr reduz os usuários a um ícone pequeno e título. Nota-se pelos exemplos acima que esses perfis se utilizam de idade, tipo de corpo, fotos (fotos nuas, as

chamadas “nudes”) e, até mesmo, o tamanho das suas genitálias são postas no jogo da sedução. “Daddy. Barbudo, tipo urso, maduro. Não sou pauzudo. Não curto caras magros e obesos. Peludos e fortinhos ganham pontos adicionais. Curto baixinhos, gordinhos... O que não exclui os altos e malhados”, é um exemplo de como os corpos são evidenciados até mesmo pelo próprio discurso.

A cada descrição, fica ainda mais claro que a busca de um corpo ideal é primordial e, portanto, os discursos são enfáticos e os indivíduos lançam de forma direta o que se busca: “Seja direto! Não faça pergunta idiota! Curto caras discretos, limpos, machos e com corpo bacana, nada de velhos ou gordos, nada contra só não me atrai, chamou manda foto e vamos ver o que rola”; “Macho discreto e bonito em busca do mesmo”.

Em alguns casos, o tom do discurso contém um apelo sexual ainda maior: “curto prazer importante fazer gostoso”; “22 anos gosto de caras ATV que fode sem ter dó do cu n sou afeminado e também n curto afeminados gosto de ser dominado ou submisso quer fuder”; “Vamos f1 e depois fuder bem gostoso?”; “Sou ativo e procuro caras passivos, caras que gostem de dar o cu, de mamar uma pomba até o leite sair”.

O órgão genital é a propaganda que muitas vezes está presente no próprio nome dos usuários. Apresentam-se com o tamanho do dote até mesmo no nome. Essa marca se repete constantemente ao longo do corpus: “Sou ATIVO, 19 cm...”; “N tenho tesão em Afm. Magro. 20cm. Sigilo”; “Macho discreto com 22cm grosso afim de curtir com outros dotados”. Assim, Bonner-Thompson (2017) afirma que uma subjetividade sexualizada pode buscar produzir masculinidades de estilo de vida. A regulação de masculinidades, estilos de vida e sexualidades estão, portanto, emaranhados em como os homens que usam Grindr produzem seus corpos digitais.

Grindr pushes its users toward stereotypical images found within gay media. Yet these “tribes” are themselves shaped by off-line interactions, advertisements, and other media. The result of choosing a self-identified category is often an exaggerated performance wherein individuals end up presenting themselves as caricatures, which in this study means presenting hypersexualized, extremely masculine versions of the self—made possible by the increased availability of image-based technology. (WALSH e BAKER, 2017; ZHAO, 2011, *apud* CONNER, 2018, p.7).<sup>26</sup>

<sup>26</sup> O Grindr leva seus usuários a imagens estereotipadas encontradas na mídia gay. No entanto, essas “tribos” são moldadas por interações off-line, anúncios e outras mídias. O resultado da escolha de uma categoria auto identificada é muitas vezes uma performance exagerada em que os indivíduos



O ato da sedução nesses aplicativos passa a ser a própria descrição do ato sexual que se pretende consumir, desde a posição ou preferências sexuais, se são gordos, magros, velhos ou novos, lisos ou peludos, entre outras características.

Além disso, existe um estímulo de constituir uma imagem de si exagerada, diferentes dos modos de se comunicar no off-line. Essas representações, por sua vez, podem ser reais ou imaginadas e que, pelo fato de a internet ser um espaço anônimo, pode-se criar representações que beneficiem e estejam mais alinhados com o ideal da regra do jogo da paquera dos aplicativos (TRESCA *apud* CONNER, 2018).

This part of his body is used as something to be consumed, and he is doing so in a way that he thinks can demand the 'gaze' of others in the 'competitive' grid. The ways men look through Grindr can be multi-sensuous. Looking is something that we do with our eyes, but we also 'touch' with them. (MARKS, 2000; PRICE, 2013, *apud* BONNER-THOMPSON, 2017, p.1616).<sup>27</sup>

Nesse sentido, em um campo tão vasto e no cotidiano acelerado das pessoas, as dinâmicas sociais requerem agilidade em uma sensação de "sem tempo a perder". A utilização dessas marcas lexicais sexuais exprime puramente o desejo e o objetivo fim da qual se destina a expectativa desses indivíduos. Assim, tais enunciados organizam a apresentação e reorganizam a dinâmica para se enquadrarem no universo digital, onde quem comunica bem dentro das regras, fatura.

---

acabam se apresentando como caricaturas, o que neste estudo significa apresentar versões hipersexualizadas e extremamente masculinas de si mesmo - possibilitadas pela maior disponibilidade de tecnologia baseada em imagens. (Tradução nossa).

<sup>27</sup> Esta parte de seu corpo é usada como algo a ser consumido, e ele está fazendo isso de uma forma que acha que pode exigir o "olhar" de outras pessoas na grade "competitiva". As maneiras como os homens enxergam o Grindr podem ser multissensuais. Olhar é algo que fazemos com nossos olhos, mas também "tocamos" com eles. (Tradução nossa).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos resultados obtidos na análise, pode-se afirmar que apesar de todo contexto histórico trágico que envolve o gênero feminino e demais expressões de gênero e orientações sexuais ainda permanecem estigmatizadas e oprimidas pelo machismo dominante. Muito se debate acerca da temática e da importância de desconstruir essas ideologias que sustentam uma forma de ser conservadora, e que cobra um modelo de comportamento para que o sujeito consiga se integrar no meio social no qual vive. “[...] é o ato de que o sujeito é desde sempre “um indivíduo interpelado em sujeito”. (PÊCHEUX, 1995).

Ideias hegemônicas como essa partem de uma construção secular, reforçada por instituições poderosas que visam o controle da sociedade para benefício de um sistema (economicamente e politicamente) bem sucedidos - do ponto de vista conservador. Muitas lutas, muitas vozes e formas de ser sofrem tentativas diárias de silenciamento. A comunicação, sem dúvida, tem papel fundamental se não, a função mais importante para esfumar e abranger todas as partes, e reformular esses conceitos pré-concebidos e “areflexivos”. Sim, o “a” aqui, refere-se a não existência da crítica e reflexão acerca da sociologia na qual estamos inseridos.

Dessa forma, percebendo o percursor que é o discurso e seu valor, este é o objeto em que se deve focar atenção quando se pensa em transformação. As palavras com carga ideológica LGBTQfóbica e misóginas proferidas possuem impacto negativo significativo na vida desses indivíduos e criam lacunas profundas de intolerância. Como bem abordamos na introdução deste trabalho, os dados por crimes e mortes de homofobia são alarmantes. Esses discursos contribuem para esses números. No entanto, a mesma ferramenta que é utilizada para uso negativo também serve para fins positivos. Munido ao surgimento das tecnologias, o discurso ganha proporção, e poderá fazer toda diferença para um presente diferente e um futuro melhor.

Ao longo do tempo, discursos que contrapõem essa hegemonia estão na linha de frente na busca por igualdade e galgando novas formas de reconhecimento. Visualizar a realidade de sociabilidades como as do aplicativo Grindr, evidencia o quanto ainda precisa-se persistir, informar e contrariar essas narrativas. Essas construções, ou melhor, formações discursivas, devem ser reformadas, reelaboradas para um contexto social amplo e diverso, onde todos possam ser diferentes.

Pêcheux (1995) afirma que a objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura de desigualdade-subordinação do “todo complexo com o dominante” das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão a da contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes.

Diante dos dados obtidos nesse trabalho, verifica-se ainda a prevalência do “combo heteronormativo conservador”, em que indivíduos que buscam um parceiro ideal nos aplicativos de relacionamento do mesmo sexo, preferem, em suas relações, maximizar sua segurança (contra a vulnerabilidade e exposição) nos contextos que pressupõem a heterossexualidade (MISKOLCI, 2017).

Além disso, a criação de um corpo digital (*ethos*) exalta características corpóreas também ligadas ao “mito viril” exposto nos capítulos deste trabalho. A hipersexualização dos corpos desses homens é uma das características de comunicação na hora desenvolver um perfil atrativo. Aqui, o tamanho, a forma, e toda fisionomia física falam e comunicam mais do que as próprias palavras.

A negativa também é outra característica que se sobressaiu, e que é expressada de forma massiva e imperativa: “não sou” e “não curto”. Para além da sexualidade, o imperativo biológico orienta os comportamentos e qualidades dos sujeitos, de modo que sejam naturalizadas as diferenças entre homens e mulheres. Todas essas características formulam o *ethos* desejado e proposto pelos perfis do Grindr: o “combo heteronormativo conservador”. Todas FDs convergem essas marcas no modelo padrão adotado pela sociedade.

As descrições de perfis encontradas na análise comprovam que grande parte das descrições e autorrepresentações de si são baseadas pelo perfil do “Macho de verdade”, “fora do meio”, “sigilo” e “não afeminado”. Para Miskolci (2017), “Macho de verdade” seria – segundo essas descrições – um homem “naturalmente” masculino e, pressupõe-se que não se identifica como homossexual ou gay. Como bem coloca Grohmann (2016), a identidade do homem gay de sucesso no aplicativo é modalizada a partir da negação das identidades do “outro”, colocadas como anormais, convocando-os a se “ajustarem” às prescrições desejadas.

Entender o poder da comunicação e importância de pesquisas que visam o estudo dessas interações discursivas, é a ferramenta que trará subsídios de conhecimento que caminham para o filtro necessário de encontro do eu, do outro, e das interpretações identitárias presentes no meio social. O trabalho tem como intuito

a difusão da realidade do contexto de paquera gay no meio cibernético, a fim de comprovar mediante os dados obtidos que, de fato, sofre interferências do próprio sujeito e que o meio interfere em seus discursos, moldes e comportamentos.

A exaltação de determinadas FDs pelo próprio grupo que a elas temem, só reforçam a hipótese de que determinadas narrativas inferem em prisões ideológicas das quais o próprio interlocutor e seu receptor partilham da mesma repreensão. O objetivo foi justamente esse: fomentar a reflexão, prover munição concreta para que além da importância da criação de uma auto imagem, também exista espaço para a reflexão da mesma.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Karen Cristina Kraemer. **História e Usos da Internet**. Biblioteca Online de Ciências e Comunicação. 2009.

ALLARD, L. **Blogs, Podcasts, Tags, Mashups, Cartographies, Locative Medias: Le tournant expressiviste du web**. Ed. 21. Médiamorphoses, 2007, p.57-62.

ALBUQUERQUE JR., D. M. A. **“Quem é froxo não se mete”**: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. In: Projeto História, São Paulo, 1999, p. 173-188.

BALTZ, Claude. **Grétel: Un Nouveau Média de Communication**. In Télématique: Promedandes dans les Usages, Marie Marchand et Claire Ancelin (eds.). Paris: La Documentation Française, 1984.

BARNES, J.A. **Social Networks**. Cambridge: Module 26, 1972, p.1-29.

BAUBÉROT, Arnaud. **Não se nasce viril, torna-se viril**. In: COURTINE, COURTINE, Jean-François (Org.). História da virilidade: a virilidade em crise? Petrópolis: Editora Vozes, 2013, p. 189-220.

BONNER-THOMPSON, Carl. **‘The meat market’**: production and regulation of masculinities on the Grindr grid in Newcastle-upon-Tyne, UK. 2017. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/0966369X.2017.1356270?needAccess=true>>. Acesso em: jul. de 2020.

BOURDIEU, P. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso GGB (2018) Relatório GGB – 2017, 2014. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>>. Acesso em: jan. de 2020.

BRANCO, Viviane; DIEZ, Carmen. **Análise Do Discurso E Formação Discursiva**. 2017. Disponível em: <[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24702\\_13047.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24702_13047.pdf)>. Acesso em: ago. de 2019.

CATS-BARIL, William L; JELASSI, Tawfik. **The french videotex system minitel**: an example of the critical success fackoils to establish a national information technology infrastructure. France: 1992.

CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012;

CONNER, Christopher T. **The Gay Gayze**: Expressions of Inequality on Grindr. 2018. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00380253.2018.1533394>>. Acesso em: jul. de 2020.

COURTINE, Jean-Jacques. *et all.* **A História da virilidade 3**: Virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013.

COUTO, Edvaldo Souza. **Corpos voláteis, corpos perfeitos**: Estudos sobre estética, pedagogias e políticas do pós-humano. Salvador: EDUFBA, 2012.

DAUNCEY, Hugh D. **A Cultural Battle**: French Minitel, the Internet and the Superhighway. In: The International Journal of Research into New Media Technologies, 1997, 3(3), p. 72-89.

GROHMANN, Rafael. **Não sou/ não curto**: sentidos circulantes nos discursos de apresentação do aplicativo Grindr. In: Sessões do Imaginário, v. 21, n. 35. Porto Alegre, 2016, pp. 70-79.

GUIMARÃES, Mário. **A Cibercultura e o Surgimento de Novas Formas de Sociabilidade**. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~quima/ciber.html>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

HART, Jeffrey A. **The Teletel/Minitel system in France**. Vol. 5, No. 1, p. 21-28, 1998. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/260983479\\_From\\_information\\_to\\_communication\\_The\\_French\\_experience\\_with\\_videotex](https://www.researchgate.net/publication/260983479_From_information_to_communication_The_French_experience_with_videotex)>. Acesso em: maio de 2020.

ILLOUZ, Eva. **O Amor nos Tempos do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **The archeology of knowledge**. New York: Pantheon Books, 1972;

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massa**. Coleção Ensaio & Teoria. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2ª Edição, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de Análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINO, Luis Mauro Sa. **Teorias das Mídias Digitais: Linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis, Vozes: 2014.

MARTINS FILHO, Tarcísio Bezerra. **Novas formas de sociabilidade nas Metrôpoles contemporâneas: Uma investigação acerca do uso do Grindr**. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/download/209/272>>. Acesso em: out. de 2019.

MEDEIROS, Ettore S. **De “não curto afeminado nem pra amizade” a “por que tantos heteronormativos?”: masculinidades e discursos dominantes e táticos nas fachadas do Grindr**. In: Revista Ártemis, Vol. XXIII nº 1; jan-jun, 2017. pp. 55-62.

MISKOLCI, Richard. **Desejos Digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

OLIVEIRA, Maria Engel. **Orkut: O impacto da realidade da infidelidade virtual**. 2007. 103f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PHILLIPS, Christian. **Self-Pornographic Representations with Grindr**. Journal of Visual and Media Anthropology, Vol. 1 No. 1, 2015, pp. 65-79. Disponível em: <[https://www.hmkw.de/fileadmin/user\\_upload/hmkw-berlin-vm-a-journal-1-2015-self-pornographic-representations-phillips.pdf](https://www.hmkw.de/fileadmin/user_upload/hmkw-berlin-vm-a-journal-1-2015-self-pornographic-representations-phillips.pdf)>. Acesso em: nov. de 2019.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo: razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SEDGWICK, E. K. **Epistemology of the Closet**. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1991.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIMKHAI, Joel. Grãos de Amor, entrevista. Revista G Magazine. Editora Fractal, Ano 13, Edição 173, Dezembro, 2012. p. 52-55. **SCRUFF: gay guys worldwide**. Disponível em: <<http://www.androidpit.com.br/pt/android/market/apps/app/com.appspot.scruffapp/SCRUFF-Gays-do-mundo-inteiro>>. Acesso em: 18 de jul. de 2018.

TORRES, Cláudio. **A Bíblia do Marketing Digital**. São Paulo. Editora Novatec, 2009.

TREBAY, Guy. **The Sex Education of Grindr's Joel Simkhai**. The New York Times, New York, Dec.21, 2014. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2014/12/14/fashion/the-sex-education-of-grindr-joel-simkhai.html>>. Acesso em: abr. de 2020.

TURCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: Filosofia das sensações. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

VIEIRA, Jorge. SEPÚLVEDA, Rita. **A autoapresentação dos portugueses na plataforma de online dating Tinder**. vol.11. Lisboa: 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S164659542017000300010&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S164659542017000300010&script=sci_arttext&tlng=en)>. Acesso em: mar. de 2020.

WEEDON, C. **Feminist practice and poststructuralist theory**. Oxford: Blackwell, 1987.

YOUNG, R. **Discursive practice in language learning and teaching**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.